

DA LITTERATURA

DOS

LIVROS DE CAVALLARIAS

ESTUDO BREVE E CONSCIENCIOSO:

Com algumas novidades acerca dos originaes portuguezes e de várias questões co-relativas, tanto bibliographicas e linguisticas como historicas e biographicas, e um fac-simile.

VIENNA.

Na imprensa do Filho de Carlos Gerold.

1872.

A
809.02
V319
1872

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado
sob número 1972
do ano d 1972

Edição or conta do autor.

D. P.
DA LITTERATURA

DOS

LIVROS DE CAVALLARIAS.



Novembro Fives
Rio de Janeiro
2 de abril
de 1909

ADVERTENCIA.

Imprimem-se deste livrinho cem exemplares em velino que serão numerados, antes de postos em venda. Outros exemplares se tiram em papel de menos corpo, para serem enviados pelo correio a alguns juizes competentes.

Meu caro amigo * * *

A sua última chegou-me ás mãos justamente quando acabava de escrever este opusculo.

O valor que V. nella dá ás indicações que no *Cancioneirinho* faço acerca dos manuscritos portuguezes da Távola Redonda e do Santo Greal me animam a rematar este novo escripto, dedicando-o a V., certo de que me corresponderá com franqueza; pois, como Ferreira,

»o juizo quero
De quem com juizo, e sem paixão me lêa«.

Acredite que nunca me havia passado pela mente o vir a escrever acerca dos assumptos de que ora trato. Mas buscando, no verão último, ao concluir a impressão da Historia dos Hollandezes (no Brazil) de que já lhe mandei um exemplar, algum desenfado menos sério na leitura das historias fabulosas,

tal é a minha sina ou a minha queda, como filho das mathematicas, para investigar a verdade, que me achei rebuscando e, quasi sem o desejar, rabiscando essas paginas, das quaes algum serviço resultará ás lettras portuguezas.

V. bem sabe que não sou eu dos que escrevem, sem ter que dizer de novo, e menos ainda sou do número dos fazedores de livros, com os pensamentos dos outros, a maior parte das vezes sem os citar. A este respeito tratarei de certo ajuste de contas em melhor occasião.

Com este livrinho receberá V. um exemplar da nova impressão, mais correcta, do *Cancioneirinho*. Acceite igualmente mui cordiaes boas festas e um saudoso abraço de seu etc.

F. A. de V.

VIENNA, 2 de Janeiro de 1872.



§. I.

Litteratura dos livros de cavallarias. Sua influencia na civilisação europea. Sua antiguidade. Prioridade entre os dois primeiros cyclos.

s livros chamados *de cavallarias* constituiram sem dúvida na Europa, durante parte da idade media, e ainda mais de um seculo depois de descoberta a America, a sua principal litteratura; e contribuíram muito para o desenvolvimento das linguas modernas e para augmentar o gôsto pela leitura; e, em meio dos desmandes que provocaram, infiltrando a galanteria dos cavalheiros serventes,

foram de grande auxílio ao christianismo na sua missão civilisadora de prégar tolerancia e generosidade, soccorrendo o proximo, abatendo os déspotas orgulhosos, e exhaltando os innocentes e humildes. Ao attentar no grande número de taes livros que se escreveram *), nas edições sem conto que de varios delles em differentes linguas se fizeram, e no como a sua leitura chegou a ser uma especie de mania, não parecerá temeridade aventurar que essa leitura veio a exercer nos espiritos uma influencia poderosa, analoga ou ainda maior que a exercida em nossos dias pelo jornalismo.

*) Haja vista, sem ir mais longe, só o número de codices franceses (mais de setenta) existentes na Bibl. Pub. Parisiense, catalogados por Mr. P. Paris até o sexto volume da sua obra «*Les Manuscripts français.*»

Já não é hoje mysteriosa a origem dessa litteratura, contemporanea das cruzadas e das guerras que tiveram logar entre os christãos e os infieis no sul da Europa. Não inspiraram é certo essas guerras as lendas que vieram a servir de nucleo á maior parte dos livros de cavallarias; mas sem dúvida subministraram aos autores dellas muitas descripções e episodios.

Os mais antigos de taes livros eram já familiares no sul e occidente da Europa, antes da invenção da imprensa; e ainda existem nas bibliothecas, ou se tem notícia de que existiam, muitos codices com essas histórias fabulosas e mythologicas de nova especie, que conseguiram, dentro de pouco, supplantar a effeminada litteratura das poesias artificiaes dos trovadores; a qual, alias,

nunca chégara a sair dos estrados ou salões das côrtes.

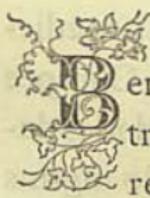
A' frente desses livros figuram, por sua maior antiguidade, os de *Carlos Magno* e do *Rei Arthur*, ou antes os dos cyclos *carlovingio* e *arthurino*. Se as composições daquelle cyclo appareceram primeiro já com certo nexos e acabamento, nas do segundo vieram a entrar elementos julgados de mais antiga data; e por isso dellas trataremos antes.



§. II.

Elementos primordiales das novellas arthurinas.

Livro de Monmouth. Lendas d'Arthur, de Merlin e do Santo Greal. Discussão acerca da origem desta e do livro que a desenvolveu como de inspiração divina. Romance em verso de Rob. de Boron. Textos portuguezes acerca da historia daquella reliquia.

 em que procedentes de antigas tradições historicas, poeticas e religiosas, os elementos principaes que vieram a dar assumpto ás primeiras novellas arthurinas, só foram apresentadas com certo nexó, no meiado do 12^o seculo, pelo benedictino inglez Geoffroy de Monmouth (Galfredus Mo-

nemutensis), o qual ao mesmo tempo as ampliou e engrandeceu, provavelmente para lisongear os seus nacionaes; conforme já então lhe lançou em rosto o severo crítico Guilherme de Newburg *). Os escriptos do dito Monmouth exhaltavam as proezas de um rei Arthur, que se distinguíra na luta dos Bretões insulares contra os Saxões, favorecido pelas artimanhas e poderes sobrenaturaes do magico ou encantador Merlin, filho, segundo o dito benedictino, de um diabo incubo. Cumpre porém notar que a uma entidade daquelle nome (adulterado segundo alguns de outro analogo com que é designado no *Barzaz Breiz* ou cantos populares dos antigos Bretões) se associavam an-

*) Vej. Paulin Paris, *Les Romans de la Table Ronde* etc. Paris 1868, T. 1º, p. 24 a 87.

tigas tradições na Cambria, em Cornwallhes, na Escocia e na Armorica. O que acerca da dita entidade houve de mythologico, de real, de legendario, e (depois) de novellesco, bem como a influencia historica, politica e poetica que exerceu, foi objecto do trabalho especial de um academico francez dos nossos dias *), cujas idéas não caberia nos limites deste escripto repetir aqui. Baste-nos porém saber que os factos mencionados por Monmouth foram pouco depois (1155) postos em versos francezes pelo normando Wace **), ja mais ampliados, e foram subseqüentemente

*) No *Roman du Brut*, que foi publicado por Mr. Le Leroux de Lincy; Rouen, 1836 —1838, 2 vol., 8º.

***) Villemarqué, *Myrdhhinn ou l'Enchanteur Merlin, son histoire, ses oeuvres, son influence*, etc., Paris, 1862. Veja-se tambem Paulin Paris,

por outros paraphraseados. Não falta porém quem va achar o typo original de Merlin, de um ente com figura humana que não havia tido pai, em uma novella oriental *Sendebad*, traduzida para o grego com o nome de *Syntipas*, de que poderam haver trazido ás ilhas britannicas noticia os primeiros cruzados; noticia em vista da qual haveria Monmouth arranjado a lenda a seu modo.

Mas independentemente da lenda de Merlin, desde muito antes do seculo de Monmouth, existiam radicadas entre os Bretões insulares certas crenças religiosas, de que os primeiros novellistas do cyclo arthurino souberam igualmente tirar grande partido, para dotar *Les Romans de la Table Ronde*, 1868, Tom. 1º, p. 359 e seg.

as suas composições de muito de maravilhoso, por meio de especies em que já acreditava o vulgo, para com satisfação as aceitar. Referimo-nos ás tradições acerca do *Santo Greal*, em latim postas por escripto por certo anonymo que, nas proprias paginas, se diz religioso, e declara havel-as recebido das mãos de Deus, como o profeta do Sinai as taboas da lei. Esse livro posto em vulgar, com mais ou menos variantes, corre impresso com o nome de *Historia do Santo Greal*.

A darmos credito ao autor da primitiva historia do Santo Greal devia este escripto remontar ao quarto lustro do oitavo seculo; visto declarar que as revelações divinas lhe haviam sido feitas no anno de 717 da nossa era. E' porém possivel que, embora algumas

das especies incluídas no livro fossem de tradição muito mais antiga, o livro e seu autor fossem muito mais modernos. Entre tanto era sem dúvida de tradição antiga que a Bretanha insular havia sido cathequisada e convertida ao christianismo, no terceiro ou quarto seculo da nossa era, por um santo missionario que viera d'além-mares, como por milagre, e tinha deixado até fundado no Sommersetshire o mosteiro de Glastonbury, onde ficára enterrado seu corpo; e é facto historico que, no sexto seculo, os christãos bretões tinham em seu ritho, na cerimonia do baptisado e na assignação do dia da paschoa, differenças notaveis do da igreja romana; o que, alias, tambem succedia com os christãos muzarabes da Hespanha, que ainda hoje, com be-

neplacito de Roma, seguem seu antigo ritho, em capellas especiaes de duas das primeiras cathedraes da Peninsula.

Seja porém do seculo oitavo, ou muito mais moderno, o livro do improvisado profeta bretão anonymo, é sem dúvida que nelle se encontra uma narração mui extensa e methodica de tudo quanto succedêra ao Santo Greal, isto é a uma escudela em que o centurião José d'Arimathêa (valha a verdade) havia recolhido o *sangue real* *) de N. S. Jesu Christo. Com o favor dessa reliquia o Arimathêa havia passado mais de quarenta dias sem comer, havia convertido muitos infieis das ban-

*) Tal é uma das etymologias dadas aos vocabulos *Santo Greal*. Outros derivam de *Gradal*; e Boron diz, com liberdade poetica, que provinha o nome de que ninguem podia ver a reliquia *«sans la prendre en gré.»*

das do Eufrates, havia vencido muitos inimigos, e por fim, com uma grande colonia de neo-christãos, havia milagrosamente chegado ás ilhas britannicas, onde, depois de converter muitos povos, fallecêra; havendo antes confiado a reliquia a seu filho mais velho, sagrado bispo pelo proprio Salvador.

O filho continuou na tarefa da cathese daquelles bárbaros. A pedido de certos povos (que por falta de nome não percam) mandou-lhes de rei o seu irmão Galaad, o que foi causa de que o novo reino se ficasse dahi em diante chamando *de Galles*. Por fim, chegou tambem ao bispo, filho do Arimathéa, o seu turno de passar para o outro mundo; mas, antes de fazer ablativo de viagem, deixou a reliquia mui recommendada a um parente rico, que

edificou para ella um palacio; seguindo-se muitas historias, e muitos *autem genuit*, como era de razão; visto que haviam decorrido já seculos. A milagrosa reliquia foi passando de mão em mão nas ilhas britannicas; mas estava em uma especie de encantamento, que só poderia vir a quebrar um cavalleiro bem nascido e puro; circumstancia esta que poderia haver sido acrescentada pelos autores das novellas que se aproveitaram da lenda.

O que se apresenta como mui provavel é que o tal livro, que se inculcou como revelação, fossé escripto com algum fim politico. O certo é que a simples lenda impressionou por tal modo, um poeta normando dos fins do seculo 12^o e principios do 13^o que, sem haver lido o livro inspirado, resolveu escrever,

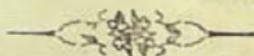
acerca da primeira parte della, um romance francez, que foi dado á luz *) em nossos dias. Esse poeta foi Roberto de Boron.

Depois de posto em romance, chegou o livro do Santo Greal a ser publicado em várias linguas; com mais ou menos interpolações: algumas das quaes seriam introduzidas depois de compostas muitas das novellas arthurinas, para as deixar mais de accordo com essa especie de evangelho na crença do povo. Em portuguez escreveu delle um resumo o Dr. Manuel Alvares, corregedor da ilha de S. Miguel, que o offereceu o D. João 3º; e ainda em nossos dias se conservava manuscripto. Antes, em 1496, havia sido impressa em Lisboa, uma chamada *Estoria de mui*

*) Por Mr. Francisque Michel; Bordeaux, 1841.

nobre Vespasiano *), composição por ventura inspirada pela leitura do livro do Santo Greal, mas cujos pormenores são diferentes.

*) Veja no fim a nota a esta pagina.



§. III.

Historia de Merlin. Tavola Redonda. Principaes novellas do cyclo. Recopilação dellas. Traducção portugueza. Codice existente em Vienna. Outros livros deste cyclo. Segunda Tavola Redonda.

epois de haver posto em versos francezes a primeira parte das tradições do Santo Greal, Roberto de Boron deliberou escrever em prosa a *Historia de Merlin*. O que porém compoz, sob esse titulo, foi verdadeiramente uma engenhosa novella, que, recebida com grande acolhida, engendrou outras que vieram a formar um cyclo d'ellas.

(Fac-simile do Codice 2594 da Bibl. Imp. de Vienna, descripto de pag. 19 a 23.)

*¶ Como oca eate pubeo ¶ Que galas
era filho de lanqelot ¶ Como leza ae lepras.*

Tquelle p^{rae} pubeo
oz maiz da casa delhei arroz q
era gallas filho delanmor-
non, podia ser que fazenda de
ta grand: honem, como gallas

Impressionado como ainda se achava Boron com a maravilha do Santo Greal, tirou dessa crença popular bastante partido, e o mesmo vieram a fazer os seus continuadores. Na primeira novella, Merlin é a principal figura, e intervêm em tudo, começando pelo modo como foi concebido o rei Arthur. A's qualidades sobrehumanas de que devia ser dotado, como filho de anjo, ainda que anjo cahido, reunia as que herdára de sua piedosa mãe, e que lhe haviam sido conferidas pela agua do baptismo. Assim a sua influencia é sobrenatural, mas benefica.

Dotado de altas miras politicas, e com o fim de animar os cavalleiros a grandes feitos pelo estimulo, aconselhou Merlin a instituição de uma Mesa ou *Tavola Redonda*, com um mysterioso

logar reservado; reminiscencia de outra mesa, já por Boron descripta no poema de José d'Arímathéa, por ventura amplificada pelas leituras das proezas dos companheiros de Carlos Magno. O logar reservado se declarou depois destinado para o futuro recuperador da reliquia do Santo Greal; e a tal *Mesa* tanto veio a figurar em todas as novellas deste cyclo, que foi por isso elle com razão igualmente denominado da *Tavola Redonda*.

A' chamada *Historia de Merlin* seguiu-se a *do Rei Arthur*, em nosso entender, ainda da penna do mesmo Roberto de Boron, que a redigil-a se havia compromettido *).

*) Veja-se fol. 102 v. do Ms. n.º. 747 (da Bib. de Paris) citado pelo Sr. P. Paris. O ler-se no fim da *Historia de Merlin* que o «reino

Apareceram logo as historias de *Tristam* e de *Lancelote*, e depois as de *Galás e da Morte de Arthur*; attribuidas a primeira a Luc du Gast, de Salisbery, e as outras a Gauthier Map, ou (como dizem os Inglezes) Mapes.

Destes seis livros arranjou uma especie de refundição e recopilação Helie de Boron, que passa por autor de outra novella differente chamada de *Gyron o Cortez*. Dessa recopiação se valeu o redactor de um texto portuguez, que devia constar, como o inglez de Sir Thomas Malory, de tres tomos; dos quaes o último chegou até nós, e se guarda na Bibliotheca Imperial de

ficára muito tempo em paz», sendo que a *Historia de Arthur* começa com guerras, não seria objecção de pezo. Os poetas tem, como os pintores, o que chamam *arrepimentos*.

Vienna *). E' um volumoso codice de 199 folios de pergaminho, escriptos em duas columnas de ambas as bandas, em lettra do 14^o seculo, um tanto parecida á em que demos as trovas do nosso *Cancio-neirinho* e á parte (última) do Lancelote em valenciano, escripta em 1380, que se conserva na Ambrosiana de Milão **).

*) Cod. 2594. Veja o *Catalogo* imp. dos Mss., Tom. 2^o. p. 105; bem como a memoria de Wolf no vol. 14 da Cl. de Hist. Bibliologica da Academia das Sciencias de Vienna. A primeira noticia deste codice appareceu publicada no *Anzeiger* do fallecido Franz Joseph Mone, Karlsruhe, 1838, p. 551.

**) O intelligente e digno Prefeito dessa Bibliotheca; Rev. P. Antonio Caviani, remettendunos um fac-simile do codice, informa ser de 140 folhas, em duas columnas, haver pertencido a Joa. Vinc. Pinelli, adquirida para a Bibl. em 1609; estar nella com a designação J. 79. sup. e corresponder a sua doutrina á da edição

No codice de Vienna os pequenos capitulos ou párrafos estão designados por meio de maiusculas ou de pequenas distancias, em que, a principio, se chegaram a escrever os titulos com lettra encarnada. No alto da primeira pagina veem-se as tres lettras *Jhs*, o que mostra ser ahi o principio de um novo tomo (sem dúvida o terceiro e último) visto que essa invocação não se encontra nas demais. No primeiro capitulo porém apezar de começar a primeira palavra com lettras mais gradadas, não foi escripto o titulo em lettra encarnada como nos immediatos, e começa logo no cimo da pagina: »*Vespera de pentecoste foy grande asuada em Ca-*

franceza de Paris de 1533, desde o cap. 5º ao cap. 116.

*maalot**) asi q podera homem hi veer
muygram gente, mujtos cavalleyros
e muytas donas muj bem guisadas.«
O immediato capitulo tem por titulo:
»Como a donzella disse a lancelot q fosse
cô ella» — Vem successivamente depois
os seguintes: »Como lancelot se foy
cô a donzella«; »Como lancelot chegou
abadia«; »Como galaaz prometeo ao
ermitam o q lhe pedia«; »Como lan-
celot fez galaas caualeiro«; »Como
lancelot uiu booz e lionell q ueherô
apos ell«; »Como lançelot e booz e
lionell chegarô aa corte«; »Como o ca-
ualeiro cayu da fresta braadâdo«, etc.
Seguem-se mais vinte e tres outros
capitulos até ao que começa no verso
da fol. 10º, e que damos em fac-simile,

*) E' o antigo *Camulodunum* ou Colchester.

havendo-o preferido por ser ahí o pergaminho mais branco e sem pregas, e poder assim ser melhor zinco-photographiado.

Pelos titulos que acima transcrevemos poderão os leitores ter uma idea da parte da grande novella que abrange o codice. Vem a ser toda a relativa ás historias de *Galás* e da *Morte de Arthur*; da mesma forma que no terceiro volume do texto inglez (impresso pelo menos onze vezes desde 1485 para cá) com a differença que só abrange o assumpto tratado desde o cap. 29 do mesmo volume, por haver-se no texto portuguez querido começar o 3º volume desde que Galás é armado cavalleiro, e no inglez desde que foi gerado no seio da bellissima Elena.

E já que nos valemos para compa-

ração do texto inglez, a elle nós referiremos, quanto aos assumptos das primeiras novellas que foram refundidas. Cremos que no cap. 60 do 1º volume acaba a recopilação da antiga *Historia de Merlin*, e no 99º a *Historia de Arthur*. So fazendo acabar na morte de Merlin a sua historia é que se pôde bem explicar o nome de *Brado de Merlin* dado, em outros textos, a essa *historia*; sendo que nesses textos, em vez de se fazer desaparecer Merlin encantado debaixo de uma grande lousa, é elle transformado em espinheiro branco, dando um grande berro, que se ouviu dahi a tres legoas.

Os livros de *Merlin*, de *Tristam* e de *Galás* cremos que estiveram postos em portuguez; pois encontramos menção delles na lista, que corre impressa, dos

livros d'elrei D. Duarte; e sem advertencia de estarem em lingua estrangeira que se nota em algum outro.

Já em tempo de D. João 1º eram mui lidas em Portugal as novellas da Tavola Redonda; concorrendo talvez para isso a circumstancia de ser ingleza a mulher desse rei de nascimento não legitimo como o Arthur, mas como este grande cavalleiro. O proprio rei e seus filhos usavam de divisas em francez, como os antigos cavalleiros inglezes.

Outras novellas deste cyclo se deram ao prelo nos fins o seculo 15º e principios do 16º, com o nome do cavalleiro *), de que mais especialmente se occupavam. Algumas dellas conte-

*) *Galvam, Giglan, Rei Meliadus, Cleriadus, Isaias (o Triste), Perseval*, etc.

riam por ventura os textos primitivos, antes de refundidos; outras parecem posteriores á *Morte d' Arthur*.

A novella original de Tristam passa por uma das melhores das que entraram na collecção refundida, occupando quasi todo o 2º volume da texto em inglez. Teve essa novella tanta acceitação, que correm della impressas traducções, não só em italiano e allemão, mas até até em dinamarquez e em bohemo.

Annos depois de ser essa novella publicada em castelhano, appareceu (na Hespanha) outro *Tristam* chamado *o moço*, o qual, ostentando de mui nacional, não duvidou alardear suas proezas, não só na propria Peninsula, como até em uma das ilhas Canarias, afim de ahi libertar certa Irlandeza, mulher

de um candido Portuense com este levada áquelle archipelago, pela fôrça do temporal. Segundo o autor castelhano, mettendo-se a gracioso, e tirando para isso todo o partido das antipathias internacionaes, o Portuense não poude libertar a esposa do podêr dos gigantes senhores da ilha, porque apesar de ser *fidalgo*, não era *cavalleiro*; pelo que foi necessario que o novo *Tristam* fosse la fazer o milagre.

Annos antes havia sido publicado em Toledo *) o *Tablante de Ricamonte*, igualmente novella castelhana pertencente o este cyclo.

*) Vimos desta novella a edição de 1526, que possui a Bibl. Imp. de Vienna; mas consta que já antes, em 1513, havia sido impressa, tambem em Toledo. A de 1526 é um pequeno vol. de 48 folhas de 4^o, sem paginação, e em letra gothica.

Nenhuma das novellas de que fizemos menção chegou a ser dada ao prelo em lingua portugueza. Além de não ser então esta lingua falada por uma população bastante numerosa para assegurar o consummo de qualquer edição, parece que os curiosos em Portugal se haviam acostumado a ler taes novellas em castelhano. E cremos ser até disso uma prova a traducção que da conhecida *Historia dos Nove da Fama* publicou em Lisboa no anno de 1530 em lingua castelhana o portuguez Antonio Rodrigues. Corria essa historia publicada em lingua franceza desde 1487, data da 1ª edição feita em Abbeville. Um dos taes nove é o legendario rei Arthur, com os contos do Merlin e da rainha Genebra, e outro é o *Carlos Magno* dos Doze Pares;

pelo que com muita razão é esse livro contado pelos bibliographos desta especialidade no número das novellas de cavallarias. Já o editor Caxton do texto inglez das novellas d' Arthur citava em 1485, por seus nomes, esses nove prezados (*worthy*) da fama, tres gentios, tres judeos e tres christãos.

Se porém, como diziamos, não foram impressas em portuguez as novellas da Tavola Redonda, veio Portugal a desferrar-se, no meiado do seculo 16º, encerrando o cyclo com uma composição, em prosa e verso, publicada segundo parece anonyma, mas do eximio Jorge Ferreira de Vasconcellos, com o titulo de *Memorial da Segunda Tavola Redonda*, que ainda não conseguimos ler, em consequencia da sua excessiva raridade; havendo motivos para crer

que seja uma nova edição da obra que, acerca do mesmo assumpto, poucos annos antes, publicára com o titulo de *Triunfos de Sagramor*. Sendo assim, deve ser uma especie de continuação do *Tristam*, a quem na propria hora da morte acompanhou o seu amigo Sagramor, e não será impossivel que, com outro nome e alguns disfarces mais, corra traduzida em alguma outra lingua.



§. IV.

Cyclo Carlovingio. Origem do livro dos Doze Pares. Os Nove da Fama. Marquez de Mantua. Camões. Traducção portugueza. Primeira, segunda e terceira parte do Carlos Magno. Popularidade em Portugal. Porque ficariam banidas outras novellas. D. Quixote.



em dúvida, mais livre de contestações que as novellas precedentes se nos apresentam as carlovingias, cujos feitos, com mui pequenas variantes, se cantaram desde logo nas *Chansons des Gestes*, e foram compendiados em latim na chamada chronica de Turpin, que passava por historia verdadeira no tempo do papa Calixto 2^o

(1119—1124), e que traduzida em francez, pelo menos ja desde 1207*), deu origem ás muitas produções deste cyclo, em que rivalisaram em producções em prosa e em verso a França com a Italia; adquirindo a primasia esta última nação em producções impressas, ainda antes que o genio do poeta, por ventura mais fecundo que tem vindo ao mundo, enriquecesse prodigiosamente o cyclo com o seu incomporavel *Orlando furioso*.

Neste cyclo carlovingio pouco se assignalou Portugal; contentando-se os seus filhos, como os de suas colonias, com ler, mais que nenhum outro livro, a famosa »*Historia de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*«,

*) Veja Paulin Paris, *Manuscrits français*, etc., vol. V, p. 26.

já em resumo, no texto dos *Nove da Fama*, que segundo vimos fôra em castelhano publicado em Lisboa em 1530, ja no proprio livro de *Carlos Magno*, de que em 1613 se chegou a fazer na quella cidade uma edição especial, igualmente em castelhano. Em todo caso, porém, não podemos pôr em dúvida que desde o seculo XIV as historias de Carlos Magno e de Roldan eram conhecidas nas Hespanhas *).

Guardemo-nos entretanto d' allegar em prova disso aquelles conhecidos

*) Eis do sec. 14^o versos (de P. Ferrús) referindo-se ás novellas:

«Carlos Magno, Don Roldan,

Segun en los libros yas.»

O seguinte, do sec. 12^o, refere-se aos poemas:

«Cantam de Oliveros e cantam de Roldan».

versos de Valdevinos no Marquez de Mantua *de cordel*:

» Oh valentes cavalleiros!

» Reinaldos de Montalvão!

» Oh esforçado Roldan!

» Oh marquez Dom Oliveiros!

Porque se ja tinhamos desconfiança que essa composição, tanto pela fôrma, como pela linguagem, era muito mais moderna que Gil Vicente, e não passaria de principios do seculo 17^o (e assim o declarei uma vez ao illustre poeta Garrett, que, como é sabido, tinha a esse respeito outras ideas) hoje estamos disso convencidos e cremol-a posterior ao anno de 1619, e por consequente á edição de 1613 do *Carlos Magno*, que antes mencionámos. Provêm a nossa convicção de havermos reconhecido, por proprio exame, que o auto tragico portuguez do Marquez de

Mantua, não é mais do que uma imitação e resumo do de Lope de Vega, de igual titulo, impresso em 1619 na 12^a parte de suas obras, de fol. 141 a 164; com a differença de haver o compositor portuguez (que não duvidamos fosse Balthasar Dias, como diz Barboza) deixado de fóra, com razão, todo o 1^o acto e quasi todo o 2^o, os quaes contêm factos, de que ao depois a propria narração da notícia; começando só a aproveitar da idéa de Lope de fol. 153 em diante, desde que aparece na selva o marquez; cingindo-se nesta parte ao competente romance em castelhano que corria impresso desde o seculo anterior, e que, entre os sete com o mesmo titulo que publicou Duran, é sem dúvida o de mais interesse. Pelo nome de *Carloto*, e pela

importante figura com que se apresenta o lombardo *Mântua*, julgamol-a, na origem, producção da Italia, paiz que, como dissemos, primou sobre todos em composições carlovingias; isto sem prejuizo de que já estivesse naturisada em romance castelhano, a ponto que o fabuloso D. Quixote o sabia de cór; e era em seu tempo (1604), (antes de ser levada á scena por Lope de Vega) *»historia sabida de niños, no ignorada de los moços, celebrada y aun creida de los viejos; y con todo esto (acrescenta Cervantes) no mas verdadera que los milagros de Mahoma.«*

Tão pouco nos pode servir de prova o lembrar-se Camoens das *»vãs façanhas«*

»Phantasticas, fingidas, mentirosas«

de

... »Rodamonte e o vão Rugeiro

»E Orlando inda que fôra verdadeiro« *)

nem de ter dito

»Pois pol-os *Doze Pares*, dar-vos quero

»Os Doze d'Inglaterra,« etc.

Tudo são referencias aos poemas italianos, e especialmente ao Ariosto, que elle muito havia lido; ao passo que não se encontram nos »Lusiadas« nenhuns vestigios de leituras das fabulas da Tavola Redonda, ou dos Amadizes ou dos Palmeirins; nem que o mesmo Camoens, com o seu muito bom senso, deste modo tacimente protestasse, como

*) Anco finto non fosse, il magno Orlando«, traduz Felice Bellotti. Não conhecemos dos *Lusiadas* melhor traducção: estancia por estancia. Temos della a magnifica edição em 8º grande, feita em Milan em 1862 (não sabemos se ha outra) em papel velino.

expressamente o fizeram outros escriptores do seu seculo, anteriores a Cervantes, segundo adiante provamos, contra essa mania do seculo, ja antes condemnada por Dante e Petrarca.

Voltando porém ao insigne *Carlos Magno*, a traducção portugueza delle foi feita pelo medico Jeronimo Moreira de Carvalho, e publicada por primeira vez em 1728; e tal aceitação encontrou, que logo em 1737 se lhe juntou, uma segunda parte; e pouco depois (1745) uma chamada *terceira*, da qual se deu por autor o presbitero Alexandre Caetano Gomes; que provavelmente não faria mais que traduzir do castelhano algum dos livros no paiz visinho escripto acerca das apregoadas façanhas de Bernardo del Carpio; — especie que ora não tratámos de averiguar.

Deixemos taes averiguações a quem tiver occasião de se dedicar ao estudo especial (tendo presente as edições em differentes linguas) da historia e procedencia de cada um dos livros das duas outras partes.

A primeira parece uma especie de refundição de tres pequenas novellas anteriores; correspondendo á primeira dellas os livros 1º e 2º, que tratam do conquista de Jerusalem, conversão de Ferrabraz e conquista dos estados e senhorios do almirante Balão; á segunda os livros 3º e 4º, com as proezas de Carlos Magno na Hespanha contra os Mouros, com o favor do apostolo Santiago, seu regresso á França e Allemanha, e sua morte, com a de outros Pares, incluindo Roldão; e á terceira o livro 5º [de origem sem

dúvida italiana], com o nascimento e vida do dito Roldão, em quanto não armado cavalleiro por Carlos Magno.

Os quatro livros da segunda parte narram, com muitos pormenores, factos que o seu autor declara deverem todos entrar entre os dois primeiros capitulos do livro quarto da precedente parte. Se a redacção não é original (como nos parece que é) a linguagem é, em todo caso, portuguezissima; e não se lhe notam erros de traducção, como na primeira. Nesses quatro livros dá o autor conta: 1º Da ida de Carlos Magno a Paris, e seu immediato regresso á Hespanha, a sujeitar Abderraman, e a entrar triunfante em Toledo; 2º Da aventura de Roldão na cova Tristefea, novas victorias, e fuga de Abderraman para a *Etiopia*; 3º Da conquista de

Cordova; 4º Finalmente de uma ida de Carlos Magno á Italia a soccorrer o Papa; de uma ilha Cofornia; arribada á Sicilia; erupção do Etna; regresso á França a travez dos Alpes nevados; excursão em soccorro d' Inglaterra contra Oláo de Dinamarca e volta a Toledo, onde vence de novo a Abderraman, que morre; casando-se tanto Carlos Magno como Roldão.

O que não ha dúvida é que a *Historia do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França* chegára em Portugal e suas colonias a adquirir tal popularidade que rara era a casa em que a não havia, ao lado da *Folhinha* e das *Horas Marianas*, e contados os jovens que a não haviam lido algumas vezes, ou não retinham della de cór alguns trechos; proscrevendo-se

assim quasi de todo as leituras, não só dos *Contos e historias* de Gonçalo Fernandes Trancoso e das *Novellas Exemplares* e *Constante Florinda* de Pires Rabello, como até das recommendaveis producções do judicioso Francisco Rodrigues Lobo, que ainda hoje não são apreciadas pelo público quanto merecem.

Daqui se deprehende não ser verdadeira a theoria dos que crêem que o apparecimento do Quixote, em 1605, foi uma especie de remedio homeopatico que curou a mania das leituras dos livros de cavallarias. Cremos sim que faria não apparecerem mais litteratos como autores de taes livros, mas, em nosso entender, o que mais haverá contribuido a acabar com essas leituras deve ter sido a falta de livros, cuja reimpressão, ao menos dos mais licen-

ciosos, parece haver sido prohibida, ou cohibida, por algum accordo entre os tribunaes censorios e as inquisições dos differentes reinos da Hespanha, no tempo que Portugal estava unido. Só assim explicamos a falta completa em Portugal de novas edições do Palmeirim e seus successores, além de outros, durante o seculo 17^o e grande parte do 18^o; havendo até em Portugal sido prohibida, por alvará de 16 de Nov. de 1623, a entrada de quaesquer livros impressos fóra, sem licença do Dezembargo do Paço. Independentemente de Cervantes, e antes d'elle, já outros escriptores notaveis, como Venegas, Pedro Mexia e principalmente Luis Vives *), se haviam

*) *Hoc ergo curare leges, et magistratus congruit. Tum et de pestiferis libris, cujusmodi sunt in Hispania Amadisus, Splandianus, Flo-*

levantado séria e eloquentemente contra taes »sermonarios do diabo,« corruptores das donzellas, e recheados de exemplos contra os bons costumes. O proprio Bernardim Ribeiro, no dialogo entre as duas damas, que fazem prologo á sua novella de cavalleiros andantes, de que adiante trataremos, faz uma dellas notar o perigo para o seu sexo de tal leitura: »Que cuidava eu que um cavalleiro apostamente armado, sobre seu feroso cavallo, podia ir tão triste como uma delicada don-

risandus, Tirantus, Tristanus, quarum ineptiarum nullus est finis, etc. (Vives, De Christiana femina.)

. . . . »*Lancilotum et Mensam Rotundam Gallicam, Rolandum Italicum: qui libri tantum ad inanem quamdam, et præsentem titillationem voluptatis,« etc.* (Vives, De causis corruptarum artium.)

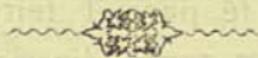
zella Maneiras tem os cavalleiros
pera se mostrarem mais tristes do que
são«, etc.

E não só cremos que não se impri-
miram muitos livros por falta de li-
cença, como temos a certeza de que
os ja impressos se fizeram escaços ou
se *exterminaram* pela perseguição. O
Santo officio publicava annualmente um
indice dos livros defesos, ordenando
por essa occasião (§. 29 do titulo V.
do regimento de 22 de Out. de 1613)
que os que possuissem exemplares de
taes livros os fossem entregar ao mesmo
Santo officio, sendo todos obrigados
tambem a denunciar os que a cada um
constasse existir em poder de outrem.

D'est' arte é mais que provavel que
o auto de fé parcial feito em Argam-
masilla, com tanta discrição e crítica,

aos máos livros de Don Quixote, já haveria sido precidido de varios outros dos melhores livros de cavallarias, nos pateos do santo tribunal. Desses autos de fé escapariam sem duvida os exemplares do *Carlos Magno*; pelo que succedeu que este livro, depois da publicação do Quixote [que em Lisboa teve duas*) edições logo em 1605], seguiu sendo lido; vindo essa leitura a ser de todo popular, desde que appareceu publicada a traducção portugueza; sem nada prejudicar á mesma leitura a traducção do Quixote no principio deste seculo (1803).

*) Uma por Pedro Craesbeeck e outra por Jorge Rodrigues, «com licença do santo officio.»



§. V.

Novo cyclo. De Familias ou typos prolificos.
Tronco dos Amadizes. Quem foi o seu autor
e em que tempo foi escripto. Provas e con-
traprovas. Os dois sonetos. Azurára.



Mm composições exclusivamente de um ou outro dos dois mencionados cyclos se estava absorvendo exclusivamente a vêa dos novellistas, quando veio ao mundo o Amadiz, primeiro typo de um novo cyclo, que (apartando-nos da classificação, por outros proposta) chamaremos *de familias* e genealogias.

»Qual foi a nacionalidade do primeiro *Amadiz*?« Ou antes: »Quem foi

esse genio privilegiado que fez sair do nada, não só um novo typo ou um novo ente imaginario, mas até muitas gerações d'elle?

Trataremos de dilucidar este problema, sem nenhuma sorte de prevenções; e levados somente pelo amor da verdade e da justiça. Devemos porém confessar que tão alheias a éstas e ás regras da crítica encontramos alguns juizos que lemos, que não duvidamos declarar que a idéa de aventarmos especialmente sobre este importantissimo ponto a nossa opinião foi a que mais nos impelliu a escrever este opusculo. Vamos porém á questão.

Reconhecem os criticos, e provou-o bem o Sr Gayangos, que já no principio da segunda metade de seculo 14^o se liam e estavam mui vulgarizados em

Castella os tres primeiros livros do *Amadiç*. São esses tres livros até citados em uma poesia de Pero Ferrús, que vem publicada no cancionero de Baena, e que contêm os seguintes versos:

»Amadys el muy fremoso

Sus proezas fallaredes

En tres libros, etc.

As provas são taes e tão concludentes que somos obrigados a aceitar este ponto como incontroverso, e por conseguinte a considerar menos averiguadas todas as noticias ou indicações que com elle não concordem.

Passemos agora á revisão dos autos. Examinemos o texto castelhano impresso da propria novella d' *Amadiç*, já que se não sabe da existencia de nenhuma

cópia mais antiga. Eis o que dá de si esse texto, consultado no livro 1º, cap. 40, que corresponde ao 41 das traducções estrangeiras, todas provenientes da franceza, na qual as linhas que vão servir ao nosso argumento foram suprimidas. Tratando do grande amor que nasceu no peito de Briolanja pelo bello e heroico Amadiz prosegue o texto:

»Por muy gran fuerza de amor constreñida, no lo pudiendo su ánimo sufrir ni resistir, habiendo (Briolanja) cobrado su reino, . . . fué por parte della requerido que dél y de su persona sin ningun entrevalo señor podia ser; mas esto sabido por Amadis, dió enteramente a conocer que las angustias é dolores, con las muchas lágrimas derramadas por su señora Oriana, no sin gran lealtad las pasaba, *aunque el señor infante don Alfonso de Portugal, habiendo piedad desta fermosa doncella, de otra*

guisa lo mandase poner. En esto hizo lo que su merced fué, mas no aquello que en *efecto de sus amores se escribia* (*).

Revela pois o proprio texto da novela que foi um Infante D. Alfonso de Portugal quem indicou ao autor della que modificasse o rigor com que tratava a Briolanja. Mas então o autor devia estar mui em contacto com esse Infante, para receber delle as inspirações e ordens, e já se pode imaginar que seria portuguez, quando alardêa assim o ter cedido ás observações do Principe. Mas que Infante D. Alfonso de Portugal pode ser o de que se trata? Tem-se dito que devia ser o filho de certo Duque de Bragança. Ora isto é impossivel de admittir; por quanto os

Parte do repugnante §. que segue, em que se faz referencia ao livro 4^o, foi evidentemente acrescentada depois.

filhos dos duques de Bragança (antes de subirem ao throno em 1640) não eram Infantes, e unicamente o mais velho herdava o titulo de duque, e só de duque, pela morte do pai. Ha pois que passar uma busca retrospectiva nos Principes ou Infantes de Portugal, que chegaram pelo menos á adolescencia, anteriormente aos principios da segunda metade do seculo 14^o, isto è anteriormente ao proprio anno de 1359 designado pelo Sr Gayangos, e admittirmos que o primeiro que encontremos tem todas as probabilidades a favor de ser o a que se refere o autor da novella. Ora recorrendo ás listas dos filhos dos reis portuguezes, mui escrupulosamente feitas pelo Padre João Baptista de Castro, e que, em duas edições do seculo passado, se acham

publicadas no seu curioso *Mappa de Portugal*, não encontramos outro infante Dom Alfonso, no caso de poder ser aceito, senão o que ao depois foi rei D. Affonso 4º, pelo fallecimento de seu pai (D. Diniz) em 7 de Janeiro de 1325. — E' sabido como os principes herdeiros eram então denominados infantes, como os outros mais moços, irmãos legitimos, e por isso infante chama ao mesmo D. Affonso o dito Padre João Baptista de Castro na sua lista. Esse infante D. Affonso havia nascido em 8 de Fevereiro de 1291, e dando-lhe a idade de uns vinte annos, quando exigia do autor (sem dúvida já na idade dara zão, pois que o mesmo autor julgou dever attendel-o) a mudança de que acima se trata, podemos assignar a data aproximada do *primeiro*

livro do Amadiz ao anno de 1310 proxivamente. E referimo-nos só ao primeiro livro, porque cremos que ahi acabaria a primeira novella. Parece natural que o Infante fizesse a observação, quando julgava que ali se havia concluido a mesma novella, ainda commovido pela impressão que a sua leitura lhe deixára; e a qual certamente muito se houvera desvanecido, se tivesse continuado a ler o segundo e terceiro livro, se ja existissem escriptos. Ora examinando bem o mesmo primeiro livro e os seguintes, com esta prevenção, tudo contribue a confirmal-a. O enredo de uma primeira novella desfeiza-se completo com o fim desse *primeiro livro*. Toda a acção tem-se passado nas tres côrtes da ilha bretôa; a saber: da Escocia, onde reinava Lan-

guines; da Bretanha-grande, onde reinava Lisuarte, pai da princeza Oriana; e do paiz de Gaula, alias Galles (como se depreheende do texto), onde reinava Perion, pai de Amadiz. Este heroe vinha dest' arte a ser o verdadeiro *Principe de Galles*.

Da Bretanha-grande citam-se até na novella, por seus proprios nomes, o rio Tamisa, a cidade de Londres, o porto de Bristoya (Bristol) e a côrte de Vindilisorá (Windsor). Oriana era nada menos do que a herdeira do throno da Bretanha-grande, de modo que, desposando-a Amadiz, os dois estados, de Gaula (Galles) e da mesma Bretanha-grande, se reuniriam formando a Inglaterra.

○ Ainda sem idade de poder pensar em grandes planos politicos, e sem outra

ambição mais que a de ser bom cavalleiro, o mesmo Amadiz (antes de saber que tinha este nome e de que era filho de rei), enamora-se da linda Oriana, que vê pela 1^a vez na Escocia, e lhe promette ser *seu cavalleiro*. Ella corresponde; e o seu fino amor estimula Amadiz a grandes proezas, vencendo pelas armas e sujeitando muitos senhores injustos e prepotentes, incluindo neste número o arrogante Abyseos e os dois filhos, que, da outra banda, haviam usurpado o throno e senhorio de Sobradisa á bella Briolanja, e o monstro Archilaus, que já, por uma serie de traições, havia conseguido apoderar-se de Oriana e do rei seu pai, e quasi assenhorear-se de Londres.

Qualquer leitor que tiver seguido com attenção o enredo do primeiro

livro, antevê que a novella não pode deixar de vir a parar senão no casamento de Amadiz com Oriana, casamento favoravel até á reunião dos dois estados, depois da morte dos reis reinantes. — Ora para mais se requintar a lealdade e fidelidade de Amadiz, estando elle a curar-se das feridas no palacio de Briolanja (que era lindissima) desdenha duramente a proposta de casamento que de parte desta princeza lhe é feita.

Foi seguramente, referindo-se a este desfeixo da que chamaremos *primeira novella* do novo cyclo, que o dito Infante D. Affonso indicou uma modificação, desejando que o autor deixasse a Briolanja tão consolada quanto possível; o que por ventura o levaria a fazel-a casar com o abnegado Galaor,

irmão d' Amadiz, que não tinha nenhuns compromettimentos, e que, de character facil de enamorar-se, como se tem mostrado sempre antes, não poria a isso obstaculo algum *).

O interesse e enredo dramatico rematava perfeitamente no fim dessa *primeira* novella, engeitando Amadiz a mão de Briolanja, para ser fiel á sua Oriana, com quem até já se casára (aqui entre nós) mui sériamente, a face do ceo e da terra; e estava obrigado, como bom christão, a pedir a benção

*) Galaor, vem effectivamente, na propria novella refundida, a casar com Briolanja; mas sem dúvida o continuador suprimiu esse casamento no primeiro livro, reservando o para depois, afim de ligar melhor a parte acrescentada; procurando *consolar* a Briolanja com um recurso grosseirissimo, com que a deixou cruelmente maltratada.

da Igreja. E não cremos muito enganarmos ao suspeitar que o autor pretendeu dar ahi, por então, a sua composição por acabada, quando a terminava, para edificação e consolo dos leitores, com o seguinte *fim de sermão*, que deve-se fazer de conta que foi escripto em portuguez:

«Quando la fermosa reina Briolanja vió en su casa tales quatro caballeros, habiendo tanto tiempo estado desheredada, é com tanto miedo encerrada en un solo castillo, donde casi por piedad la tenian, é que agora cobrado en su honra en su reino, con tan gran vuelta de la rueda de la fortuna, y que no solamente para la defender tenia aparejo, mas aun para conquistar los ajenos, fincó los hinojos en tierra despues de haber con mucho amor aquellos dos hermanos rescebido, dando grandes gracias al muy poderoso Señor, que tal forma é con tan gran piedad della se acordára, é dijo á los caballeros: »Creed cierto, Señores,



estas tales vueltas é mudanzas e maravillas son del muy alto señor, que á nos cuando las vemos muy grandes parecen; é ante el su gran poder en tanto como nada con razon deben ser tenidas. — Pues veamos agora estos grandes señorios, estas riquezas que tantas congojas, cuitas, dolores é angustias nos atraen por las ganar, é ganadas, por las sostener, seria mejor, como supérfluas é crueles atormentadoras de los cuerpos, é mas de las ánimas, dejar é aborrecerlas, viendo no ser ciertas ni durables. Por cierto digo que no; antes afirmo que seyendo con buena conciencia ganadas é adqueridas, é haciendo templadamente dellas satisfacion á aquel señor que las da, reteniendo en nos tanta parte, no para que la voluntad, mas para que la razon satisfecha sea, podamos en este mundo alcanzar descanso, placer é alegria, y en el otro perpétuo, perpétuamente en la glória gozar del fruto dellas.»

Porém prosigamos. Uma vez provado, assim pelo proprio texto castelhano, como pelos argumentos dos S^{rs}

Castelhanos, que as observações acerca da sorte de Briolanja foram feitas ao autor pelo, ao depois rei, D. Affonso 4^o, chegámos ao conhecimento de que so esse principe pode ter sido o verdadeiro autor de um soneto que alguns lhe tem ja attribuido, mas que outros, imaginando sem dúvida a novella mais moderna, attribuiram ao Infante D. Pedro, o das Sete Partidas; e que o filho do poeta Antonio Ferreira, encontrando-os escriptos por lettra de seu pai, entre os papeis que deixára, tomou por composições do mesmo seu pai, e como taes os publicou, a fol. 24, na edição posthuma dos »Poemas Lusitanos« em 1598, o que se tem repetido nas seguintes.

Que o infante D. Pedro não pode ter sido o autor do soneto, pedindo as

modificações com respeito a Briolanja, como suppozeram Faria e Souza na *Fonte de Aganipe* e o antigo possuidor do codice manuscripto do Museo Britanico, de que adiante trataremos, é mais que evidente; por quanto não se lhe attribuindo tambem a resposta do autor, claro está que este devia ser seu contemporaneo, o que não é possível, quando está provado que os tres primeiros livros do Amadiz ja existiam em 1359, e o dito infante D. Pedro só nasceu em 1382.

Quanto á supposição de haverem sido os mesmos sonetos obra de Ferreira, parece-nos que só a cegueira do amor de filho podéra desculpá-la. No tempo de Ferreira não se tinham feito estudos da poesia antiga, que o habilitassem a emprehender taes composi-

ções, e tanto assim que elle nem se quer as entendeu bem, ao copial-as; pois só assim se explica o haverem sido menos correctamente dadas á luz. Demais para compor o soneto do infante D. Affonso tinha elle a idéa no proprio texto do Amadiz; mas a resposta de Lobeira que oraculo lh'a inspirou? — Assim o aparecimento desses dois sonetos escriptos pela lettra do autor dos »Poemas Lusitanos« não serve mais que a provar que o mesmo autor (encontrando-os talvez annexos no codice manuscripto portuguez do Amadiz) tirára de ambos cópia, sem indicar no primeiro delles nenhum autor. Outro curioso houve que, igualmente no seculo XVI, tirou, com pequenas variantes, tambem copia delles; e considerando desde logo como autor

do primeiro o infante D. Pedro, juntou ambos aos conhecidos versos do *Rouso da Caba* e a outros papeis, e formou um codice, do qual no seculo passado foi possuidor um Fernão Duarte Montearroyo, e hoje se guarda no Museo Britanico, sendo o num. 20.922 dos manuscriptos chamados *Addicionaes* *). Assim, ainda quando dos escriptos do mesmo Ferreira possuíssemos os autographos, ou uma cópia digna de toda fé, como succede a respeito dos de Sá e Miranda **), não poderia tirar-se dahi

*) Veja a nossa *Succinta indicação* de alguns desses Mss., imp. na Havana em 1863, p. 9 e 10.

**) Referimo-nos ao valioso codice, de que em outra occasião trataremos, *com data de 1564*, intitulado «*Obras de Francisco de Sá de Miranda dirigidas ao Principe N. S. que lh' as mandou pedir*,» que ainda não conheciamos quando escrevemos acerca deste poeta dois artigos no Panorama de 1841.

argumento para o proclamar autor de taes sonetos, que se prova serem de outros. E como se referem justamente ao incidente de que acima se trata, foi autor do primeiro o infante D. Affonso, depois rei, e do segundo o proprio Vasco de Lobeira, que desta fórma resulta ser o verdadeiro autor da novella Amadiz. Eis, com alguns pequenos retoques, que tomamos a liberdade de fazer-lhe, o

SONETO DO INFANTE D. ALFONSO.

Bom Vasco de Lobeira, de gran sen,
De pran que vós haveades bem contado
O feito d' Amadys, o namorado,
Sem quedar ende por contar hy ren.

Por en tanto nos prougue, e er tan ben
Que vós seredés sempr' ende loado,
E antre os homens bons por bom mentado,
Que vos lerôn ao diante e ora lêm:

Mas porque vós fizestes a fermosa
Br'olanja amar endoada hù no amáron
Esto cambade, e cumpra sa vontade;

Por qué ei a gran dôr de a ver queixosa,
Per sa gran fermosura e sa bondade,
E porqu' en fin' amor non lhe pagaron.

A este soneto respondeu Vasco de Lobeira com outro, cujo último terceto julgamos ter sido publicado menos correctamente; pois nenhum sentido delle se colhe tal como se acha. O grande habito em que estamos de ler as poesias desse tempo, e de haver muitas vezes acertado por inspiração a decifrar manuscriptos errados, nos anima a propôr que o mesmo soneto se leia e se entenda do modo seguinte:

R E S P O S T A

DE DOM VASCO DE LOBEYRA.

Vinha Amor pelo campo trebelhando,
Com sa fremosa madre e sas donzellas,

E rindo, e cheio de ledice entre ellas,
Já do arco e das setas non curando.

Br'olanja hi a sazon s' ia pensando,
Na gran coita qu' ella ha, e vendo aquellas
Setas d' amor, filha en sa mão ùa dellas,
E mete â no arco, e vay-se andando.

Des hi volvendo o rosto hu Amor s' ia,
Er disse: ay traidor que m' ás falido!
Eu prenderei de ti crua vendita!

Largou a mão: quedou Amor ferido;
E, catando a sa *séta*, endoado grita:
Ai! Mercê a Br'olanja!... que fugia...

Ora, D. Affonso 4^o deixou de ser infante desde que foi aclamado rei, aos 7 de Janeiro de 1325; por conseguinte, anteriormente a esta data, já tinha vindo ao mundo o Amadiz primogenito.

Assim esses dois sonetos, restituídos pela critica a seus verdadeiros autores, vem a servir de contraprova de como

a modificação feita no texto acerca de Briolanja e a referencia que ahi se faz ao infante portuguez já existiam no texto antigo, e não foram obra do refundidor Montalbo; até mesmo porque não se encontraria, no tempo em que se crê que este viveu, outro Infante D. Affonso de Portugal que podesse ter sido o autor das reflexões acerca de Briolanja a que se refere o texto; porquanto dos dois unicos que se encontram com esse nome, D. Affonso V, tinha apenas seis annos, quando foi chamado rei, por morte de seu pai, em setembro de 1438: seguindo-se ainda, com o nome de Affonso, o mallogrado herdeiro de D. João 2º, que falleceu *como Principe* aos 16 annos de idade, em 1491. Levára este o titulo de *Infante* somente até a idade de seis an-

nos; em quanto seu pai não subira ao trono em 1481.

Outro facto importante fica adequido, de toda esta nossa demonstração, para a litteratura portuguesa; e vem a ser, que a admissão e uso dos sonetos, que a Italia deveu a Dante, fallecido em 1321, passára logo a Portugal, onde, ainda antes da sancção que lhes deu Petrarca, se haviam adoptado. Não devendo isso admirar aos que saibam que as relações entre o mesmo Portugal e a Italia, com a introducção das ordens religiosas, e com a ida de muitos estudantes a frequentar o direito na universidade de Bolonha, eram então mui frequentes.

Que Vasco de Lobeira vivêra antes de D. João 1^o o tinhamos como provado, desde que o chronista Gomes

Eanes de Azurára, que foi coevo deste rei, diz positivamente que o mesmo Lobeira *) era anterior, — do tempo de D. Fernando, tempo em que provavelmente falleceu; ficando assim prejudicado o dito não fundamentado de Barboza (que tantas outras vezes nos seus elogios empolados, querendo realçar os meritos, os diminue e comette erros), de que Vasco de Lobeira fôra feito cavalleiro na batalha de Aljubarrota **). Se nessa batalha se armou ca-

*) «*Livro* (no singular note-se) de Amadiz, como quer que somente, este *fosse feito a prazer* de um homem que se chamava Vasco de Lobeira, em tempo d'elrei D. Fernando». Azurara Chr. do C. D. Pedro.

***) Conservo lembrança de haver ouvido ao meu mui venerado amigo D. Franc. de S. Luiz (Cardeal Patriarca Saraiva) que em uma lista, por elle vista, dos livros de D. João 1º se en-

valleiro um Vasco de Lobeira seria algum homonymo do nosso autor.

O facto de ter sido Vasco de Lobeira o autor do Amadiz, e o Infante D. Afonso, filho primogenito d'elrei Dom Diniz, quem lhe fez as observações acerca de Briolanja que dão assumpto ao mesmo soneto, é confirmado, já em 1598, pelo proprio filho do poeta Antonio Ferreira, ainda que na crença de que os sonetos haviam sido compostos por seu pai. — Quanto ao nome *Amadiç*, sôa-nos elle como da lingua portugueza mais que de nenhuma outra. Por mui natural temos que a sonsinha de Elisena o associasse, com esse nome, ao seu amado, o rei Perion, cujo fructo era; — fructo em verdade amadioso, contrava o »*Amadiç de Gaula de Vasco de Lobeira.*«

em consequencia até do *amadigo* e muito amor com que esse primogenito de ambos foi criado.

Por outro lado em favor da origem portugueza milita o proprio assumpto e o proprio theatro em que exclusivamente se passa a novella. As relações dos Portuguezes com os moradores da ilha de Albion eram já em antigos tempos muito amigaveis e de sympathias; o que não succedia com Castella.



§. VI.

Progenie dos Amadizes. Refundição de Montalbo. Feliciano de Silva e outros continuadores.



ue o immediato acolhimento feito á primeira novella do *Amadiç de Gaula* deve ter sido mui grande se deduz não so do facto de haver-se com ella occupado o proprio herdeiro do trono, consagrando-lhe um soneto, como do de haver essa novella tido tão *immediata successão*.

Effectivamente: era apenas passado um quarto de seculo, quando (sabemol-o com toda a certeza) já existiam e se

liam em terras de Hespanha nada menos do que tres livros; isto é o primeiro, e mais dois entroncados nelle; bem que de tal entroncamento não necessitasse para ser, ja por si, uma novella completa. Mas os livros de cavalarias vieram a mostrar praticamente como nada ha mais facil do que obrigar uma novella a engendrar outra e outras, com muita relação com a originaria. Basta para isso ter a certeza de que os personagens que figuraram na primeira ficaram, ao acabar ella, ainda vivendo neste mundo. E nem isso: sendo necessario fazem-se reviver, dizendo-se que não tinham morrido; mas soffrido apenas de uma syncope.

Deixaremos a outros o decidir se esses dois livros immediatos poderão haver sido escriptos pelo autor do pri-

meiro. Da simples leitura, que delles fizemos, apenas chegámos a reparar em que o segundo livro se estrêe com certo encabeçamento, a modo de prologo, e como se fosse nova penna que começasse a escrever. Tambem advertimos que ja nesse livro segundo o theatro em que se passa a acção se dilata muito, saindo da Ilha Bretôa. — Por outro lado apparecem por primeira vez a *Ilha Firme* (que depois sae peninsula) um rei Apolidonio, filho de outro de Grecia, casado com uma irmã do imperador de Constantinopla; a bella inglesa Oriana acha-se n'um castello chamado *Miraflores*, e, por fim, veem-se, igualmente por primeira vez, versos na novella. No terceiro livro nem fallemos. Tudo é differente:

e Amadiz não só passa á Allemanha, mas chega até a Constantinopla, etc.

O que antes succedêra com as novellas da Tavola Redonda, e o que succedeu mais tarde nas deste cyclo, permite suppor que, publicada a primeira novella, um novo autor emprehenderia a segunda, e outro á terceira. Assim poderia explicar-se a asserção de Lope de Vega de que do Amadiz se dizia haver sido escripto por uma dama, e a de outros que o conceituavam como obra de um Duque de Bragança. Longe de nós a idéa de pretender tirar a Lobeira o que lhe pertença. Se porém com afinco sustentâmos que é seu, e de nenhum outro, o primeiro livro, damos até prova de nossa imparcialidade não nos mettendo

a juizes em causa ainda para nós não bem esclarecida. Desejámos primeiro ouvir de outros se encontram no segundo e terceiro livro a mesma fôrça inventiva e a nobre simplicidade e naturalidade que se admiram no primeiro.

Aos tres livros primeiros de *Amadiç* se juntou depois um quarto, por alguns attribuido ao proprio Garcí-Ordoñez de Montalbo, que modernizou e alambicou, a seu modo e com bem máu gôsto, a veneravel linguagem antiga, em que estavam os tres primeiros. Desses quatro livros em castelhano se fizeram, umas apoz outras, várias edições, da existencia de algumas das quaes nem se quer teremos noticia, restando de outras apenas um exemplar, para desengano dos incrédulos, que não se resolvem a conceder que,

além dos queimados pelas inquisições, muitos outros exemplares se haverão consummido, sujando-se e esfarelándose, em virtude da muita leitura, correndo de mão em mão; não havendo sequer, pelo seu assumpto, tido entrada nas bibliothecas dos conventos, onde tantas outras preciosidades se salvaram, sendo pouco lidas. Temos uma especie de convicção profunda de que não se fariam traduzir do francez, para dar ao prélo, tantas outras novellas de cavallarias, sem que primeiro se tivesse feito imprimir uma que, desde o meado do seculo 14^o; era já em toda a Hespanha tão conhecida e tão lida, como vimos. Assim pensamos que dos primeiros quatro livros do *Amadiz* se haverão feito em Hespanha edições não só no princípio do seculo, como até

no fim do anterior; e acreditamos que não seriam invenções as referencias *antigas* a uma edição de 1510 e a outra de 1496, até em vista da autoridade de Cervantes quando disse: »Segun he oido decir, este libro (de Amadis) fué el primero de caballerias que se imprimió en España, y todos los demas han tomado principio y origen deste.«

Aos mencionados quatro livros se aggregou depois o *quinto*, de *Esplandian*, que mereceu a pena de fogo, por sentença do seu compatriota Cervantes. Não tardou a aparecer, formando um *sexto* livro, o *Florisando*, sobrinho do mesmo heroe, e como elle digno de ser queimado. Seguiram-se logo, quasi a um tempo (1525—1526) duas continuações do *Florisando*, uma

das quaes, do autor do precedente livro e dos seguintes, Fernando de Silva, foi considerada como livro *setimo*, e outra escripta pelo bacharel Juan Diaz, como *oitavo*. Proseguiu o mesmo Feliciano de Silva até 1551, com mais tres livros, celebrando no primeiro a *Amadiç de Grecia*, e nos outros a *Florisel de Niquéa* e sua geração, todos condemnados ao fogo pelo imparcial Cervantes. Do *Florisel* fez-se em Lisboa, pelo menos, uma edição, em 1566.

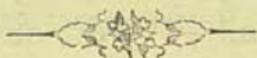
Apareceu finalmente mais um 12º livro, com o *Silves da Selva* *), escripto por Pedro de Luxan, autor a quem pertence, segundo um crítico illustrado, pelo menos uma das partes do *Lepo-lemo* ou *Cavalleiro da Cruz*, condem-

*) Não andaria, na adopção deste nome, alguma allusão ao inexgotavel F. de Silva?

nado tambem á fogueira por Cervantes; por se realisar, a seu respeito, o rifão »detraz da Cruz o diabo«.

O habito em que já se haviam posto os Portuguezes de ler em castelhano e o pouco numeroso público com que ahí podiam contar os editores para o consummo das edições que emprehen-dessem, motivou que, não só, que o saibamos, nenhum dos novos livros fosse trasladado ao portuguez, mas até que nem se quer houvesse quem se arriscasse a imprimir o texto de Lobeira, que ainda então existia; posto que muito depois foi visto na bibliotheca dos duques de Aveiro; e parece ter-se unicamente perdido, por occasião do terremoto de Lisboa de 1755, ou pela do sequestro que pouco depois soffreu a casa. — Por outro lado, a

extracção e venda segura que na Hespanha tinham as edições, que umas ás outras se iam succedendo, extracção e venda a que por sua parte concorriam os leitores portuguezes, contribuiu a que a linhagem dos Amadizes fosse tão longe. E o famoso Feliciano de Silva já de tal modo havia considerado a empreza como uma especie de mamadeira, que se incommodou com o mencionado Juan Diaz, quando se lhe atrevessou com o seu livro, matando nelle a Amadiz, cuja vida ao Silva interessava conservar (e por isso o resuscitou), por mais annos do que Deus concedêra a Mathusalem, afim de seguir perpetuamente naquella *»inacabable* aventura«, como diz Cervantes.



§. VII.

Traducções dos Amadizes e outras. Em francez.
Em italiano. Em allemão. Em inglez e hol-
landez.



raças principalmente ao bom sa-
bor que deixára a leitura do
primeiro livro de Amadiz, o
consummo de todos os de sua linha-
gem foi considerado tão seguro, que
não hesitaram editores estrangeiros de
emprehender a publicação delles, não
só em francez e italiano, como ao de-
pois em allemão, inglez e hollandez.
Em francez sairam á luz de 1540 a

1556 em quatro volumes in folio doze livros comprehendendo as seis primeiras partes do texto castelhano, arranjando o traductor a seu modo a 7^a e 8^a, e proseguindo com as outras até á 11^a, que constitue o 12^o livro francez. — A diante diremos como proseguiu essa collecção.

A italiana saiu pouco depois (1546), tomada da franceza. Porém mais tarde (1558—1568) foram acrescentados em nova edição a esse mesmo texto o do Silves da Selva, quasi todo, dados em 17 volumes, mais seis (18 a 23) comprehendendo seis partes, nas quaes se trata do cavalleiro *Sferamundi de Grecia*, já introduzido na novella Silves da Selva; de que o primeiro desses seis tomos era ainda parte, sendo porém

de origem não bem averiguada os últimos cinco *).

Esta collecção recebeu ao depois (1586—1587) mais dois volumes (24^o e 25^o), com a traducção do *Belianiz* **), que em castelhano composera o licenciado Jeronymo Fernandez.

A mencionada traducção franceza se reproduziu no anno de 1577 e seguintes, em doze volumes em 16^o, acrescentando-se mais tres (13^o e 14^o e 15^o) com o *Silves da Selva* etc., e ao depois (1578—1582) mais seis (16^o a 21^o) com todo o *Sferamundi*. — Trinta e tantos

*) Consulte-se a nota a esta pagina que vae no fim.

***) O *Lepolemo* estava traduzido e publicado desde 1544; o *Florambel* desde 1560, e o *Polisman* desde 1573. Depois (1610) foram publicados em 3 vol. o *Febo* e *Rosicler*.

annos depois, em 1615, foram publicados mais tres volumes (22º, 23º e 24º), contendo as façanhas de Fulgoran, Safiraman e Hercules d'Astré. — No penultimo destes volumes passam-se algumas scenas na America, especie nova em livros de cavallarias.

Poucos annos depois (1620) appareceram tambem em francez o *Cavalheiro do Febo e o seu irmão Rosicler*, e logo (1625) o *Belianiz*.

Em allemão viram os Amadizes a luz em Francfort s/M., traduzidos do francez, com o titulo errado de *Amadis aus Frankreich* (tomando-se por *Gaules* o *Gaule*, que, como vimos *) significava *Galles*), em 24 volumes, desde 1569 a 1595.

*) Vide ante p. 55.

Em hollandez foram publicados em 21 tomos de 1619 a 1624; e em inglez só os primeiros tomos saíram, por primeira vez, á luz no mesmo anno de 1619.



§. VIII.

Continúa o 3º cyclo. Novas familias. Clarians. Palmeirins: d' Oliva: d' Inglaterra. Odorico Mendes. Os Martyres de Filinto. Successores do Palmeirim d' Inglaterra.

oi, a nosso ver, a voga alcançada pela familia Amadiz o principal incentivo a que deveram a existencia, na Peninsula, varias outras familias, mais ou menos prolificas.

Deixaremos tranquillias as familias do *Febo* e de *Florambel*; e depois de dizer apenas duas palavras acerca da de *Clarian*, passaremos a tratar da linhagem dos *Palmeirins*, levantada e nobilitada

pelos feitos, epicamente narrados, do appellidado *d' Inglaterra*.

A primeira novella de *Clarian* *) éscripta por Gabriel Velazquez del Castillo, visinho de Guadalajára, e impressa pela primeira vez em Toledo em 1518 **), deu de si tres descendentes, do primeiro dos quaes, denominado *Floramante*, coube a paternidade a Jeronymo Lopes, portuguez do tempo de D. João 3º.

O tronco dos Palmeirins, que se chamou *d' Oliva*, foi mui bem recebido do público; a tal ponto que, só no seculo 16º, teve nove edições em cas-

*) *De Landanis*, »filho de Lautedon de Suecia«, mui differente do *Clarião*, rei turco no Carlos Magno.

***) Acabada de imprimir a 15 de novembro. Não a 5, como se lê em Gayangos, Brunnet e Graesse. Consta de VI—228 folios; letra gothica.

telhano, quatro em italiano e outras quatro em francez; mas o Cervantes, apezar de compatriota do autor, fez-lhe, sem misericordia, o catatau, ordenando que fosse, como lenha de zambujo, rachado e lançado á fogueira; com recommendação de que nem sequer ficassem delle as cinzas; isto, da mesma pennada que sentenceou que a *portugueza* »Palma (Palmeirim) d' Inglaterra« »se guardasse e conservasse como coisa unica«, fazendo-se-lhe uma caixa, semelhante á em que Alexandre o Grande mandou guardar as obras de Homero.

O *Primaleão*, primogenito do condemnado *Oliva*, teve no público menos aceitação que o pae; mas grande glória veiu a caber-lhe, pelo facto de haver-se decidido a seguir a sua narração

o autor do *Palmeirim d' Inglaterra*; apresentando ao mundo este novo heroe como filho de Duardos (1º) e de Florida, irmã do mesmo Primaleão. A este parentesco, sem dúvida, deveu o *Primaleão* o haver tido duas edições (em castelhano) em Lisboa, em 1566 e 1598.

Assim, apenas consideraremos como *legitimos* desta familia os mencionados antecessores do *Palmeirim d' Inglaterra* e os seus dois successores portuguezes; pelo que nada temos que ver com *Po-lindo*, nem com *Platir*, nem com *Flortir*, cujas narrações e genealogias contradizem as que se admittem no *Palmeirim d' Inglaterra*. Desta última novella diremos, entretanto, que, apesar de não haver hoje notícia da existencia de exemplares em castelhano, cremos que foi nesta lingua original-

mente escripta, em vista da propria declaraçãõ que encontramos no fim do primeiro livro do texto italiano, e que diz assim: »Ma perche non si fecero poi altre imprese memorevole, l'autore, *che si havea tolto a scrivere le valorosi imprese della progenie di Palmerino*, vedendo che non poteva più durar, s'é contentato di lasciare lo Imperatore Flortir in una tranquilla pace, e far fin a questa sua vaga, e dilettevol historia, laudando la divina bontá, che gli ha dato forza di scriverla sino al fine*).« A' vista desta declaraçãõ, somos levados a crer que o autor do *Flortir* seria o proprio do

*) Fol. 463 da ed. de 1608, de Lucio Spineda, de que possuimos um exemplar mui manuseado, e gastado nas pontas inferiores das folhas.

Platir, do qual não ha dúvida ser castelhana o original.

Occupemo-nos porém do *Palmeirim d' Inglaterra*. Por fortuna não se extraviou o seu texto portuguez como succedeu ao do *Amadiç*; e é elle considerado, apezar de nem sempre aprimorado, como um dos melhores modelos de estylo »fluido e nervoso e de dicção pura e variada.«

Por mais de dois seculos e meio, e por autoridades de pezo como Magalhães Gandavo, Faria e Souza, Brito de Lemos e outros, foi considerada esta novella como obra original de Francisco de Moraes, e como portugueza a elogia o engenhoso Cervantes, no mesmo capitulo em que absolve, pelos seus meritos, tambem como original portugueza (como effectivamente provámos

que è), o *Amadiç de Gaula*. Porém o apparerimento de uma edição castelhana feita em 1547 — 1548, isto è antes das que se conhecem em portuguez, fez crer, em 1826, a Salvá, e depois delle a outros criticos, ser a obra escripta originalmente por um Luis Hurtado, que em uns versos, formando acrostico, que acompanham essa edição, se chama a si proprio *autor*. Vendo essa edição, ao visitar a bibliotheca da cathedral de Toledo em 1846, chegámos a adoptar essa opinião, e assim o declarámos em uma nota da »Historia Geral do Brazil«. Posteriormente porém tivemos occasião de ver varios livros em que os *traductores* e ás vezes os simples *editores* se denominam a si proprios *autores*, o que nos fez considerar de menor peso o

argumento tirado dessa declaração; e com maior razão, quando, estudando melhor os proprios versos do acrostico, vimos que confessa Hurtado nelles que o livro era de outro; pois diz que »*havendo-o lido, e vendo ser elle espelho de feitos famosos . . . poséra mãos á obra etc.*«^{*)}. A' vista do quê, injusto nos pareceu querer á força dar de presente o Hurtado o que elle proprio declarou alheio. De mais: ainda quando se provasse não ter havido uma edição portugueza anterior á castelhana de 1547—1548, não deveria concluir-se

*) *Viendo esta obra, discreto lector,
<i ser espejo de hechos famosos;
< viendo aprovecha á los amorosos,
se puso la mano en esta lavor:*

*■allé que es muy digno de todo loor
■n libro tan alto, en todo facundo etc.*

senão que a obra se *havia impresso* primeiro em castelhano, como já succedêra ao Amadiz. Mas não é seguro que não tivesse havido uma edição portugueza anterior á castelhana de 1547 — 1548. O não se conhecer hoje em dia a existencia de nenhum exemplar de tal edição não pode ser allegado como prova de que ella não existisse. Outras edições se fizeram, inclusivamente de livros de cavallarias, tanto em portuguez como em castelhano, de que não ha conhecimento da existencia na actualidade de um unico exemplar. Da propria edição de Evora de 1567 são hoje contados os exemplares que restam; e além desta, sabemos ter havido, pelo menos, outra edição antiga em portuguez de typo entre redondo e gothico, sem designação de anno, nem

de logar; da qual, em 1786, existia um exemplar na livraria de S. Francisco em Lisboa. Não seria pois esta a edição portugueza princeps, anterior á castelhana de 1547 — 1548? Tudo isto nos induzia, com a mesma boa fé e imparcialidade de que havíamos dado prova, a abjurar da opinião que havíamos abraçado, crendo-a verdadeira.

Temos porém hoje argumentos mais fortes e concludentes em favor da nacionalidade portugueza do *Palmeirim d'Inglaterra*. São os tirados do proprio texto, como vimos succedeu a respeito do Amadiz. Ao meu defuncto amigo, o illustre maranhense Odorico Mendes, coube a glória de ser e primeiro a apresentar esses argumentos, valendo-se das notas que, a pedido seu, lhe pro-

porcionei, conforme elle proprio declarou a paginas 8 do seu » *Opusculo acerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor*«, impresso em 1860, com as seguintes palavras:

»O que muito cumpre louvar, sendo muito para agradecer, é que o senhor Varnhagen, por amor da verdade, me ajudou no empenho que tomei. Não possuindo eu a traducção de Hurtado, que nem se encontra nas melhores bibliothecas de Paris, elle proprio, em Março de 1858, na do Museu Britanico (onde levemente annotaram á margem do livro que Hurtado é o escriptor original) indagou-me os pontos necessarios: por trabalho e exame seu, viemos a conhecer que o hespanhol não omittira os capitulos das justas em honra das quatro francezas; o que dá-

nos a certeza de que o episodio não foi um enxerto do supposto traductor, sim um dos ornatos do poema primitivo. N'este facto assenta uma das provas cabaes em favor do Ariosto portuguez. Hoje o historiador brasileiro, á vista de taes raciocinios e documentos, está longe do parecer de Salvá; com gosto se convenceu de que tão imaginosa e admiravel poesia pertence originariamente á lingua e litteratura dos nossos maiores.«

Basêa-se toda a argumentação do meu defuncto amigo Odorico em factos biographicos conhecidos de Francisco de Moraes, que elle commemorou no texto da novella, e que foram reproduzidos pelo traductor castelhana, seguramente sem nenhuma idéa desse especial alcance biographico que ti-

nham; da mesma maneira que, segundo Llorente, passou a Le Sage a respeito de muitos nomes do Gil Blas, e que hoje se descobrem como verdadeiros anagrammas, em satyras originalmente castelhanas aproveitadas pelo mesmo Le Sage. Sabe-se inclusivamente por outros escriptos deixados pelo dito Moraes, que, havendo elle acompanhado, em 1540, a França o embaixador portuguez D. Francisco de Noronha, ao depois Conde de Linhares, ahi se enamorára de uma dama franceza de appellido Torsi. Ora desses amores quiz elle deixar memória na sua novella, sem dúvida composta na propria França; e assim o praticou desde o cap. 137º ao 143º, onde se descrevem certas justas, que diz realisadas nas immedições de Dijon, alheias ao verdadeiro enredo

da mesma novella. Além disso o illustre litterato maranhense transcreve varios trechos, pelos quaes se vê que o autor do Palmeirim, com o seu patriotismo natural, exalta sempre que pode mais a Portugal, em detrimento de Castella; de modo que máu castelhano resultaria Hurtado, se o podessemos julgar autor da novella.

Ha mais: nota-se no estylo das outras composições de Moraes o mesmo vigor que se encontra no da novella; o que não se pode dizer acerca de Luis Hurtado, nome quasi obscuro na litteratura castelhana, embora apareçam delle algumas outras composições, mais ou menos desenxabidas. — Leia-se do mesmo Francisco de Moraes o papel, que anda annexo á novella, com o titulo de »Desculpa de uns amores que

tinha em Paris com uma dama franceza da Rainha Dona Leonor por nome Torsi, sendo portuguez, *pela qual fez a historia das damas francezas no seu Palmeirim*«, e se notará nelle o mesmissimo estylo da novella toda. Outras provas não menos concludentes se tiram da comparação dos dois textos, resultando apparecer evidentemente o castelhano como traducção. Deste modo, para nós, não subsiste hoje o menor escrupulo em considerar portuguez e original de Francisco de Moraes o *Palmeirim de Inglaterra*; embora alguns S^{nrs} Castelhanos *) resistam a desprender-se dessa glória, que já imaginavam adquirida para as suas lettras.

*) «E' de lastimar que Hespanhoes, cuja litteratura, abundantissima e toda patriotica, encerra immensas bellezas e rasgos tão sublimes,

Odorico Mendes, com quem, pouco antes de escrever o mencionado opusculo, convivi muito em Paris (encontrando-nos quasi todas as noites em casa do nosso commum amigo Joaquim Caetano da Silva, na *Rue St. Dominique*) era grande entusiasta do *Palmeirim*, que sustentava ser, como o *Telemaco*, um verdadeiro poema, em muitos pontos superior ao do *Orlando* e ao dos *Martyres* de Chateaubriand, que elle considerava como a primeira epopéa deste seculo, e com cuja leitura se deleitava, na traducção em verso de Filinto. Ainda então não tinha conheci-

cuja poesia dramatica ministrou masculas idéas a Francezes da primeira plana; é de lastimar, digo, tenham a mania de mendigar obras estrangeiras para se ornarem, sem a menor precisão de alheios atavios.» (Odorico Mendes.)

mento das outras duas traducções posteriores *), igualmente em verso, uma em italiano e outra em castelhano, que não ha muito conseguimos adquirir; encantando-nos a traducção italiana, pela muita naturalidade e clareza, e pela metrificacão bastante variada.

A edição princeps do *Palmeirim d'Inglaterra* bem poderia ter sido publicada em 1543 ou 1544; e por ventura poderão della encontrar-se vestigios no proprio *Florando d'Inglaterra* impresso em Lisboa, em castelhano, em 1545.

*) A traducção de Filinto foi publicada em Paris em 1816, offerecida ao Conde da Barca. Nesse mesmo anno se publicou em Lisboa a traducção em prosa do Bacharel P. Manuel Nunes da Fonceca. A traducção em verso italiana, feita pela Sra. M. B. Gabardi foi impressa em 1836. A castelhana de Justo Barba-jero só o foi em 1845.

Da traducção castelhana se valeu Jacques Vincent para a que publicou em francez em 1553, e foi depois reimpressa (1574); e se valeu tambem Mambrino Roseo (não Rosco) da Fabriano, para a que, naquelle anno e seguintes, foi publicada em Veneza, e mais tarde foi reimpressa pelo livreiro editor Lucio Spineda, que Odorico Mendes, seguindo a Nicolau Antonio, tomou por traductor. Em inglez se publicou a 1ª edição em 1602, e desde então tem-se feito mais cinco edições.

Ao *Palmeirim d' Inglaterra* succedeu o *Dom Duardos 2º*. A respeito da origem e nacionalidade deste não ha nenhuma dúbidas. Foi composto em portuguez por Diogo Fernandes, visinho de Lisboa, e nesta capital publi-

cado por primeira vez em 1587, e depois reimpresso em 1604.

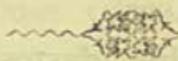
Seguiu-se ao *Dom Duardos* 2º o *Dom Clarisel de Bertanha* (sic). Foi igualmente composto em portuguez por Balthasar Gonçalves Lobato, filho de Tavira, e publicado em Lisboa em duas edições em 1602; uma com o titulo de *Quinta e Sexta Parte de Dom Palmeirim e Dom Clarisel de Bertanha* e outra com o de *Chronica do famoso Principe D. Clarisel de Bertanha*.

Destas duas continuações do *Palmeirim* não nos consta que fosse publicada traducção alguma. Nem tão pouco se tornaram a imprimir, motivo porque se fizeram rarissimas, a ponto que, apesar de as havermos visto em outro tempo, nos foi impossivel haver agora

á mão um exemplar, para dar aqui dellas uma idea. Fazemos votos para que uma e outra, bem como a da Segunda Tavola Redonda de Jorge Ferreira de Vasconcellos, sejam brevemente reimpressas, a fim de serem conhecidos os monumentos litterarios da nossa lingua, surtindo com exemplares tantos centenares de bibliothecas ávidas de possuil-os.

E não se collija destes votos mui sinceros que desejamos se façam outra vez populares as leituras dos livros de cavallarias. Nem dessas leituras resultariam vantagens para o povo, que se pode dedicar com mais proveito a outras de maior utilidade, nem as nossas recommendações teriam fôrça para a este respeito desviar a torrente que caminha. Quanto á moralidade,

não cremos que se ostente maior em muitas das novellas dos nossos dias. Nas antigas o que se nota é que faltam ás vezes ao decóro, narrando candidamente scenas que ainda hoje se passam, bem que com mais disfarce e hypocrisia.



§. IX.

Quarto cyclo (Avulsas). Tirante o Branco. Livro de Bernardim Ribeiro. Sua analyse. Historia de Lamentor e Bimnarder. Sua originalidade. Irregularidades manifestas. Monologo da Menina e Moça, e Dialogo com outra dama. Paixão amorosa do poeta. Não pode ter sido pela infanta D. Beatriz. Anagrammas decifrados. Que revelam. Rainha D. Joana. Victima das ambições successivas do marido, do pai e do filho e seus validos. Crisfal. Clarimundo de João de Barros.

lém dos tres cyclos mencionados, propomos a admissão de mais um quarto e último, para comprehender todas as novellas avulsas de cavallarias, e cujos heroes obra-

ram seus feitos com toda a independencia dos dos tres primeiros cyclos, e não formaram linhagem, nem deixaram *herdeiros* que perpetuassem seus nomes e brazões.

Que não foi sempre ao merito da novella devido o vir ella a ser fecunda e a deixar geração temos prova no *Tirante o Branco*, inquestionavelmente de muito mais merito que o *Palmeirim de Oliva*, e mais antigo que elle. Foi o improlifico *Tirante*, cabeça do nosso novo cyclo, obra do malfadado valenciano Joannot Martorell *) que o offereceu ao Infante D. Fernando de Portugal em 2 de fevereiro de 1460. Esse infante não pode ter sido outro senão o duque de Vizeu, filho d'elrei D. Duarte,

*) As trez primeiras partes; a 4^o foi composta por Galba.

e pai do conhecido rei D. Manuel. De modo algum um filho do primeiro duque de Bragança, como se tem pretendido, pois em tal caso não seria infante.

Esta novella, »tesoro de contento y mina de pasatiempo«, no conceito de Cervantes, foi impressa por primeira vez em Valencia, no anno de 1490, na propria lingua valenciana, e não é impossivel que chegasse a ser traduzida ao portuguez. Apezar de mui festiva e ás vezes até descarada, parece ter sido escripta com o elevado pensamento de prégar uma nova cruzada em favor do imperio grego, que se desmoronava com a tomada de Constantinopla pelos Turcos, succedida pouco antes. Tal se nos afigurou ao menos ao concluir a sua leitura, effectuada (em consequen-

cia da raridade das edições em valenciano e castelhano), pela traducção italiana de Lelio Manfredi, que possuímos *), e que dá melhor idéa do original do que o resumo do Conde de Caylus, que tanto a hostilisa.

Ja transpiram nesta novella, não só o espirito emprehendedor das conquistas ao norte d' Africa, em que então se empenhava Portugal, mas tambem o dos descobrimentos mais além; figurando até nella certa invasão momen-

*) Edição de Lucio Spineda, de Veneza, 1611, em 3 volumes. A 1ª edição (italiana) publicada em 1538 e a 2ª em 1566 são hoje da maior raridade. Da traducção castelhana não se conhecia em toda a Hespanha mais que o exemplar da Bibliotheca do Porto, que por ordem do Governo foi emprestado ao ricoço Salamanca, e não havia sido restituído, passados alguns annos.

tanea na ilha Britanica de um rei das Canarias.

Não entrando em nosso proposito apresentar aqui uma analyse desta curiosa novella valenciana, passaremos a demorar-nos na portugueza de Bernardim Ribeiro, pois acerca della temos que submetter á discussão pública algumas idéas até agora não emittidas.

O livro denominado das *Saudades* consta verdadeiramente de tres partes; a saber: 1º Do monologo de uma donzella (*menina e moça*), seguido de um dialogo com certa dama, servindo como de prologo; 2º Da *Historia de Lamentor e Bimnarder*, novella de cavallarias, com alguns versos, contada pela mencionada dama; 3º De varias eglogas e poesias, alheias no fundo á novella,

embóra com tal qual relação, ao parecer, com os amores n' ella commemorados.

E' unicamente da segunda dessas partes que cumpre occuparmo - nos aqui. Começa ella (na rara divisão que deram ao livro), no cap. 5º da 1ª Parte, e conclue com o 58 em que finda a 2ª; exceptando só as duas interrupções da narradora, nos capitulos 25 e 41 desta última.

Para nós, esta novella de Bernardim Ribeiro é uma das de mais merito das de cavalleiros andantes. Em originalidade leva a palma a todas as outras suas coevas, cujos autores (incluindo os d' *Amadiz*) são simples imitadores das da Tavola Redonda e das de Carlos Magno; ao passo que Ribeiro fórma por si só uma nova escola. Não será

festiva, nem muito divertida a *Historia de Lamentor e Bimnarder*; porém com a sua mesma tristeza nos encanta. E' um verdadeiro typo do genero delicadamente sentimental; e por ventura a propria circumstancia de haver o seu autor posto a narraçào em boca de uma dama, a manteve sempre isenta de alguns deslizes a que sào avezadas outras. Em presença de tantos meritos, não sabemos como explicar que esta novella nunca fosse traduzida em outra lingua, nem se quer na castelhana; como se a boa estrella do autor o quizesse assim escudar, afim de que a nacionalidade da sua composiçào não viesse a estar em letigio, como estiveram as suas duas compatriotas acerca de *Amadiç* e do *Palmeirim d'Inglaterra*.

Cumpre advertir que algumas pe-

quenas irregularidades se notam nesta novella, que se devem attribuir ou á desordem em que estava o manuscripto, ou a não haver o autor assistido á sua impressão; taes são por exemplo: o chamar-se, por anagramma, ao mesmo individuo, primeiro *Binnarder* e depois *Narbindel*; e a outro primeiro *Fileno* e depois *Orphileno*; o considerar viva, na segunda parte, a Belisa, amada de Lamentor, que na primeira (cap. 8, 9 e 11) deixára morta, carpida e enterrada; o não explicar a apparição de Tasbião, no cap. 26 da 2ª parte, fazendo suppor que algumas folhas ou capitulos anteriores, talvez do fim do 1º livro, se haverão extraviado; e finalmente o não se dizer, acabada a novella, que fim levaram a narradora

e a donzella (menina e moça). Taes lunares, semelhantes a outros analogos, que se notam no Quixote, impresso em vida de seu autor, não podem fazer tirar á novella os seus grandes merecimentos.

Tambem se nota, no enredo da novella, que os episodios são muitos, e embarçam o seu natural desenvolvimento; por não serem bastante ligados com a acção principal, em que alias se não encontram grandes peripecias; o que tudo provavelmente proveio de se haver o autor cingido, mais do que cumpria, ás reminiscencias de successos verdadeiros.

O dialogo entre as duas damas, que principia depois do monólogo da donzella (*menina e moça*), é tão repassado

de tristeza e mysterio *) que não cremos impossivel fosse escripto de intento para ser lido pela dama por quem o autor devia infallivelmente estar apaixonado. Querem alguns, allegando tradições não bem autenticadas, que essa dama haja sido a infanta D. Beatriz, filha d'elrei D. Manuel, e depois duqueza de Saboya. Não duvidamos que na vida deste poeta andassem envolvidos mysteriosos amores com alguma alta personagem da Côrte. Mas custa-nos a admittir que a dama fosse a que se aponta. D. Beatriz nascera em 1504. Ora no *Cancioneiro Geral*

*) „Ein so labyrinthisches Fragment, wie dieses, giebt es weiter nicht in der romanischen Literatur. . . . Kein Alchymist hat auf die Weisen mehr Fleiß gewandt, als Ribeyro auf das Dunkel dieses Romans.“
Friedr. Bouterweck.

de Resende, impresso em 1516, e preparado naturalmente antes, encontramos os seguintes versos de Bernardim Ribeiro, que por certo se não referiam a uma menina de menos de doze annos, nem seriam de poeta mui moço:

»Venham estes desenganos
Do meu *longo* engano e vão,
Que já o *tempo e os annos*
Outros cuidados me dão«

»Lembre-vos que *se passaram*
Muitos tempos, muitos dias;
Todos meus bens s'acabaram;
Comtudo, nunca mudaram
Querer-vos minhas porfias.

Em outros versos, impressos igualmente em 1516, no »*Cancioneiro Geral*« commemora o poeta certa partida da sua dama »para não tornar mais«

«posso crer
Que pois qu' assi me leixaes
E' pera não tornar mais

Mas tudo o qu' eu mais queria
Ja se foi para um logar
Donde não pode tornar.»

Não será referencia á mesma dama de que trata na novella? Em tal caso, não pode haver sido ella a infanta D. Beatriz, que só partiu de Lisboa para Saboya alguns annos depois.

Nota-se que os personagens da novella são evidentemente designados por meio de anagrammas, começando pelo de *Bimnarder*, que o proprio autor no cap. 14 da 1^a Parte, confessa que era o verdadeiro nome do cavalleiro da tenda, »com as lettras trocadas.«

Os outros nomes anagrammatisados são:

Aonia	por	Joana *)
Arima	»	Maria
Avalor	»	Alvaro
Belisa	»	Isabel
Boslia	»	Lisboa
Cruelsia	»	Lucrecia
Donanfer	»	Fernando
Enis	»	Ines
Fartesia	»	Tiséfara (?)
Godivo	»	Dioguo
Jenao	»	Joane
Lamberteu	»	Bartelmeu
Loribaina	»	Briolanja
Narbindel	»	Bernaldin
Olania	»	Anjola (?)
Romabisa	»	Ambrosia
Tasbião	»	Bastião
Zicelia	»	Cecilia (?)

A estes devemos, acrescentar *Lamentor* que alguns creem modificação de *Lamendor*, julgado anagramma de *R. D. Manoel*.

*) *Antonia* decifrou certo escrevinhador!

Taes anagrammas fazem suspeitar que algumas das scenas descriptas serão reminiscencias de verdadeiros episodios occorridos no tempo do autor, que imitaria nisso o exemplo que tinha na novella (*biographica*) denominada *Question de Amor*, impressa desde 1513 *), exemplo seguido depois por Monte-mayor, e, em maior escala, por Cervantes.

Bem entendido: que não deve o leitor esperar que, decifrados os anagrammas, se encontre com paginas de historia; mas apenas, quando muito, com quadros descriptos pelas reminiscencias de alguns factos contemporaneos, sem guardar, se quer, nexu chro-

*) Em Valencia. Acerca de uma edição de Lisboa de 1540 veja-se no fim a nota a esta pagina.

nologico; mas ligados com certo enredo, disfarçando ás vezes a nua verdade, para ser á composição conservado o character de novella.

Seja como fôr: o certo é que, decifrados os anagrammas, apparece Bimnarder apaixonado de certa Joana, irmã de Isabel, mulher de *Lamentor*. Ora se admittirmos que este fosse elrei D. Manuel, resultariam os amores de Bernardim, não com a filha deste rei; mas sim com sua cunhada D. Joana *), a mai de Carlos V, mulher de Philippe o Bello, e filha (como a rainha D. Isabel sua irmã) dos reis Catholicos Isabel e Fernando. Em tal caso o mesmo *Filippe* corresponderia ao *Fileno*

*) *Joana* é tambem o nome da pastora da Egloga 2^a.

e *Orphileo* (marido de Aonia da novella) e o pai das duas irmãs Belisa e e Aonia, »um cavalleiro velho que parecia anojado em sua barba e vestido« não poderia ser senão o rei D. Fernando o Catholico, ja viuvo.

Sendo assim, o livro de Bernardim, de tão sentidos queixumes, associa-se de algum modo ás tristezas e desditas da »misera e mesquinha« herdeira de Isabel a Catholica, victima não so dos justos ciumes que lhe causava o infiel marido, como, ainda mais, da ambição *) deste e da de seu valido D. Juan Manuel, da do pai (Fernando o Catholico) e até da de seu proprio filho (Carlos V), que fóra de todos os usos, cometteu o sacrilego attentado, contra o Supremo

*) V. o 2º App. §. XII.

Dispensador da vida e saude, tanto dos reis como dos plebêos, de appellar-se rei, em vida da legitima Rainha, sua mai!

Se a essa Princeza se referem os amores, se o poeta, á maneira dos antigos trovadores, a *filhára* por senhora, em virtude de alguma mirada, um pouco mais aguda, por ella menos discretamente lançada, só tal poderia haver tido logar sendo ella mui joven, e antes de casar-se. Nascida em novembro de 1479, passou a Flandres, a reunir-se ao seu esposo, embarcando-se em Laredo em 22 de Agosto de 1496. E se bem que depois por duas vezes veiu a Castella, era muita a paixão que tinha pelo marido, para a podermos suppor, durante esse tempo, capaz da mais innocente *coqueteria*. Acompa-

nhára por ventura Bernardim Ribeiro a D. Alvaro, quando em 1496 passou a Castella a sondar a possibilidade de pedir o rei D. Manuel a mão da viuva (D. Isabel) nora de D. João 2^o? A novella envolve episodios de um Alvaro (Avalor). — Falta examinar se a infeliz desterrada em Tordesilhas tinha os olhos verdes, tão celebrados pelo poeta.

Se esses amores foram reaes, ou se pelo menos o público chegou a acreditar-os, bem poderia isso haver sido a causa do *despacho* do poeta para governar a fortaleza da Mina em Africa. Ainda neste seculo outro amator portuguez de outra Princeza castelhana, ao depois escriptor, purgou com o governo d' Angola o crime de outros pretendidos amores.

No *Cancioneiro Geral* (1516) diz o poeta

»N' *outro tempo* uma partida
Qu' eu *não quizera fazer*
Me maguou a minha vida
Quanto eu nella viver.»

Não alludiriam estes versos á viagem á Mina? Não o obrigaria o rei a essa viagem, para evitar que fosse inquietar a triste viuva no seu encerro?

Quanto á falta de ordem com que saiu impressa a mysteriosa novella de que nos occupamos, supponho-a originada de não haver assistido o autor á sua impressão e publicação; podendo bem acreditar-se que a propria primeira edição sairia posthuma. Citam os bibliographos dois exemplares de uma edição de Ferrara, de 1554, que ha bastantes annos (um em 1822), em

catologos impressos, se offereceram de venda; e de seu proprio titulo podéra deprehender-se que não era essa a primeira; pois nelle se declara a obra »agora de novo estampada e com summa diligencia *emendada*.« Ora não sendo essa edição em gothico, cremos que houvera antes pelo menos outra nesses typos; pois só a tal edição podemos attribuir tantos parenthesis mal entendidos, que, em lugar de virgulas (que em algumas fundições e nos typos em madeira se pareciam muito aos parenthesis), vemos semeados pelas paginas do livro, e que chegam a fazer, ás vezes, cançada a sua leitura.

A circumstancia de encontrar-se nessa edição, offerecida em venda como de 1554, o *Crisfal*, ou poesias acerca dos amores de Christovam Falcão, lembra

a possibilidade de haver ella sido feita por influencias deste último, que doze annos antes *) (em Outubro de 1542) estava de agente de Portugal em Roma. Reimprimiu-se em Evora, por André de Burgos, em 1557—58; e logo em 1559 deu Arnold Birckmann della e do *Crisfal* nova edição, que não pode ter sido feita senão em Colonia**), e tem bastantes faltas typographicas. Vimos felizmente estas duas edições, hoje rarissimas, por haver sido o livro comprehendido no Indice expurgatorio, e por conseguinte (como dissemos na

*) Consulte-se o nosso folheto *As Primeiras Negociações Diplomaticas respectivas ao Brazil*, publ. pelo Inst. do Rio, em 1843, pag. 138.

**) Para ser vendida em Portugal, pois diz: «Vende-se a presente obra em Lisboa em casa de Francisco de Grafeo, acabou se de imprimir a 20 de Março de 1559 annos.»

pag. 45) levados em Portugal todos os exemplares ás Inquições.

Se o livro de Bernardim Ribeiro, de que acabamos de tratar, contém, segundo todos os indícios, reminiscências biographicas contemporaneas do seu autor, com outra composição, por esse mesmo tempo, se enriqueceu a litteratura portugueza, que foi dada á luz com certa pretensão a novella historica, como se deduz de seu proprio titulo: *Chronica do Emperador Clarimundo, »donde os reis de Portugal descendem.*» Entretanto não passa esta primeira composição, do ao depois famoso João de Barros, de ser uma verdadeira novella de cavallarias, que serviu de muito ao seu autor, que contava apenas vinte e tantos annos de idade quando a escreveu, para exercitar

a penna com que depois devia burilar as primeiras décadas da Asia. Era então corrente a opinião de que o Conde D. Henrique procedia da Hungria; pelo que julgou o autor dar maior interesse e realce á sua *chronica*, inculcando-a como de feitos dos avós do fundador da monarchia, e até como »tirada da linguagem hungara em a nossa portugueza.«

Declara o autor haver levado a trasladar (digamos a compôr), esta novella, unicamente oito mezes; fazendo-o para servir com isso ao Principe D. João, ao depois rei, terceiro desse nome. Achava-se a obra já quasi toda impressa*), quando (em dezembro de

*) »E como colhi este fruto . . . mandei-o imprimir. No qual tempo, por vontade da Summa Potencia, recebeste o real cetro« etc. (*Prologo feito depois* etc.)

1521) subiu ao trono o mesmo Príncipe, pela morte de seu pai, elrei D. Manuel; e o autor, depois de alguma hesitação*), preferiu não deixar de lhe dar publicidade, com a unica precaução de a fazer preceder de um novo prologo, contando o succedido.

Já se vê pois que não é possível ter havido uma edição anterior de 1520, como se lê em Barboza, seguido por Brunet; e em todo caso bem mostra o Sr Innocencio (T. 3º p. 318) que era quasi impossivel que tal edição fosse feita por João Barreira (em Coimbra).

A' 1ª edição foi pois a que, segundo o proprio autor, se fazia em Dezembro

*) »Fizerão-me duvidar o que faria, se perder o gasto que *tinha feito na impressão*, entregando o meu trabalho ao fogo« etc. (Idem.)

de 1521, quando sobreveio a morte d'elrei D. Manuel, e só foi acabada »na nobre e sempre leal cydade de Lyxboa«, per German gualharde (*sic*), »a iiii dias de Março da era de mil e quinhentos e xxii«, com o titulo: »*Prymeira parte da cronica do Emperador Clarimundo donde os Reys de Portugal descendem*« etc., 1 vol. in folio, em lettra gothica, e III—176 folhas, em duas columnas, tendo no frontespicio uma estampa representando o emperador Clarimundo no trono, donde parte o tronco genealogico que figura ser dos reis de Portugal.

Foi depois reimpressa em 1553, e de novo em 1601. — Não sabemos se tambem incorreria no anathema inquisitorial dos outros livros de cavallarias, de que tratamos na pag. 43, ao ver

que não se fez a quarta edição senão passados cento e quarenta e um annos em 1742. Perto de meio seculo depois, em 1791, foi publicada uma excellente edição em 8º; e dahi a quasi outro meio seculo, em 1843, saiu á luz a sexta e última edição feita na Rollandiana.

Não entraremos em explicações acerca do conteúdo desta novella, que nada offerece de particular. E' mais *uma de tantas* redigidas sob a impressão das leituras de outras, »mudando-se as *setas* em *grelhas*«; como se conta que fez certo prégador, a respeito de um sermão a *S. Sebastião*, que, com essa pequena modificação, applicou a *S. Lourenço*. Podemos entretanto citar como lampejos, senão de inventiva originalidade pelo menos de natural pa-

triotismo do autor, a visita de Clarimundo ao Tejo, descobrindo a sua foz na *Roca* de Cintra (de que, por imitação, tratou tambem depois F. de Moraes), a lembrança da ordem »sagrada e militar« de Christo, e os serviços dos seus cavalleiros nos descobrimentos, por meio de navios*), que fizessem »conhecer ao mundo que é maior do que elle de si cuidava«, e finalmente a chegada á Hespanha, effectuando ahi seu casamento, de um dos filhos de Clarimundo, progenitor, segundo a novella, do pai do 1º rei de Portugal.

*) »Aves sem espiritos, com *cruzes de sangue* nas azas.« — Felizmente o chronista da Asia deixou-se depois destas falsas allegorias.



§. X.

Continuação do último Cyclo. A Diana de Montemayor. Como participa de livro de cavallarias. Nacionalidade e patriotismo de seu autor. Quanto deixou escripto em lingua portugueza. Traduções da Diana em francez, inglez, allemão e hollandez.



Logo estaria talvez da mente de muitos dos leitores, quando acima nomeámos a Jorge de Montemayor, que teríamos tão breve de voltar a elle, e comprehendel-o neste nosso estudo. Cremos conscienciosamente que este illustre filho do Mondego, grande poeta e musico distincto, tem direitos a não ser tratado

com ingratição por tantos litteratos portuguezes, que antes pelo contrario deviam quanto antes chamal-o de todo a si. E isto apezar de se haver esse autor appellidado com o nome da sua villa natal (Montemor-o-velho) traduzido em castelhano, e apezar de haver escripto mui pouco em portuguez, e quasi tudo em castelhano; — sem dúbida para que tivessem consumo os seus livros, nos logares onde a sua sorte lhe permittia publical-os; pois para não ter leitores inutil e até prejudicial (á bolsa) houvera sido o escrever.

Antes porém de mostrarmos que a verdadeira nacionalidade do poeta de Montemor foi a portugueza, e não a castelhana, digamos como a sua *Diana*, que segundo elle proprio declara, »contêm mui diversas historias de casos

que verdadeiramente succederam, embora com pretensões de pastoril, participa, e muito, do genero de livro de cavallarias. Se não fosse bastante a dar-lhe estes fóros o combate de Feliz em presença de Felismena perto de Montemor-o-velho, davam lh'os o lindo episodio do galhardo mouro Abindarraez com o alcaide de Antequera e seus valentes cavalleiros; episodio de que vimos, ha tempos, uma edição com variantes, bem que posterior á primeira das obras de Montemayor. E tanto é aparentada com os livros de cavallarias, que o proprio Cervantes, apezar de exceptuar, no auto de fé delles, a *Diana*, como romance pastoril, não duvidou de incluir a sua leitura no número das que tinham trastornado o juizo a D. Quixote, quando

respondeu ao lavrador »as mesmas palavras e razões que o captivo Abencerraje respondia a Rodrigo de Narvaez, do mesmo modo que tinha lido a historia na Diana de Jorge de Montemayor.« E sem dúvida seria como livro de cavallarias qae esta novella recebeu as honras de entrar nos indices expurgatorios, ao lado das composições do mesmo genero de Bernardim Ribeiro, de Jorge Ferreira e outros.

Se a *Diana* tem porém justos titulos para figurar entre os livros de cavallarias, mais justos os tem o seu autor para alcançar na litteratura portugueza o logar que lhe negam conceder os desdens de muitos dos seus compatriotas; apesar de haver elle, obrigado de deixar a patria para cuidar da vida, não so por meio do seu appellido, em-

Já na »*Historia de Alcido e Silvano*«, composição em 162 estancias, que começa

»Suene mi ronca voz y lleve el viento
A ti, oh Lusitania! sus acentos«,
vemos o *cantor* de Montemor comemorando o seu berço:

... »Oh alto Monte y valeroso
Monte mayor, el viejo, tan nombrado,
Y *monte* de fé lleno, mui glorioso,
Mayor, por mas valiente y señalado!«

Melhor porém o faz no propria *Diana*. Depois de descrever com verdadeiro amor, e como proprios, os campos do Mondego e a bella Coimbra, parece fazer uma revelação de certos primitivos amores em Fremoselhe, na seguinte conversação passada junto da sua villa:

»Felismena que entre unos juncales mui altos se avia metido tan cerca de las pas-

toras, que pudiesse oír lo que entre ellas pasava, sintió que la lengua era Portuguesa, y entendió que el reyno en que estava era Lusitania: porque la una de las pastoras dezia con gracia mui estremada en su misma lengua à la otra, tomandose de las manos:

»Hay Duarda! quan poca razon tienes de no querer à quien te quiere mas que à si: quanto mejor te estaria no tratar mal à un pensamiento tan ocupado en tus cosas. Pêsame que à tan hermosa pastora le falte piedad, para quien en tanta necesidad esta della.

»La otra que algo mas libre parecia, con cierto desden, y un dar de mano, cosa muy natural de personas libres, respondia:

Quieres que te diga Armia, si yo me fiare otra vez de quien tan mal me pagó el amor que le tuve, no terná el la culpa del mal que à mi deseo sucediere. No me pongas delante los ojos servicios que ese pastor algun tiempo me aya hecho, ni me digas ninguna razon de las que el te dá para moverme: porque ya pasó el tiempo en que sus razones le valian...

bora traduzido, como tambem dos seus proprios escriptos, feito célebre pelo mundo o »ninho seu paterno«, a que um illustre poeta dos nossos dias *) dedicou as seguintes linhas :

»Montemór, Montemór, com tua negra cinta de fortes muralhas, sumptuosos paços acastellados, sublime alcaçova, rica d'architecturaes ornatos, e de gothicas amêeas, ora vestida de verdenebras heras; — com tuas immensas varzeas tapetadas de lustrosas relvas, e abundantes ceáras e pejadas de pingues armentos, e cortadas polas orlas resplendentes das cristalinas aguas do placido Mondego, e de suas lodosas, e manças vallas; — e com o aspecto variado dos oiteiros, e montes de tuas vastas cercanias.«

»Montemór, tu és o rei, assim como é Coimbra a rainha do Mondego: — és o rei pola varonil, e magestosa catadura de teu castello gigante, como ella é a rainha

*) O Sr. José Freire de Serpa: Vej. *A Moira de Montemor*, Coimbra 1840.

polo delicado conjuncto de tão ricas e primorosas lindezas, como as que pela sua graciosa encosta de apinhadas alvuras se descortinão; — tu avassallas nobremente com teu sobranceiro aspecto de campeador, e de monarcha os largos prainos, que, estendidos a teus pés de sul a septemtrião, e d' oeste a leste, vassallagem, e feudo de tuas riquezas te tributão humilhados; como ella suavemente domina com a voluptuosa gentileza de seus reaes edificios, e jardins, as prateadas arêas, e embalsamados pomares, e frondosos olmedos, e deleitosas veigas, que á roda de seu throno marmoreo, corte d'amor, e avassallada galantaria lhe offerecem; tu ostentas o anel das grossas amêas, que toldão a tua alçaçova, como corôa de rei, alçada, e alevantada na espada valente de lidador; e ella estende os seus eirados, e os seus jardins, e as cupolas gentís, e variegadas de seus templos, e as graciosas fachadas de seus edificios pelo declive do oiteiro, como voluptuoso manto de rainha sobre varzea de flores.«

...»El dize que la razon con que del te quejas, esa misma tiene para su disculpa: porque antes que se casase, estando contigo un dia, junto al *soto de Fremoselle*, te dijo. Duarda, mi padre quiere casarme, que te parece que haga? y que tu le respondiste muy sacudidamente. Como Danteo, tan vieja soy yo, ó tan gran poder tengo en ti, que me pidas parecer y licencia para tus casamientos? Bien puedes hazer lo que tu voluntad y la de tu padre te obligare, porque lo mismo haré yo.»

E logo mais adiante prosegue desta maneira:

»Las pastoras Portuguesas con muchas lagrymas las consofavan, doliendose de su destierro, cosa muy natural de aquella nacion, y mucho mas de los habitantes de aquella provincia. Y preguntandoles Felismena que ciudad era aquella que avia dexado házia la parte donde el rio con sus crystalinas aguas apresurando su camino, con gran impetu venia, y que tambien deseava saber que castillo era aquél que

sobre aquel *mayor* que todos estava edificado, e otras cosas semejantes. Y una de aquellas pastoras, que Duarda se llamava, le respondió, que la ciudad se llamava Coymbra, una de las mas insignes y principales de aquel Reyno, y aun de toda Europa; así por la antigüedad de nobleza de linages que en ella avia como por la tierra comarcana à ella, la qual aquél caudaloso rio, que Mondego tenia por nombre, con sus crystalinas aguas regava. Y que todos aquellos campos que con tan gran impetu iva discurriendo, se llamavan el campo de Mondego, y el castillo que delante los ojos tenian, era la luz de nuestra España, y que este nombre le convenia mas que el suyo proprio; pues en medio de la infidelidad del Mahometico Rey Marsilio, que tantos años le avia tenido cercado, se avia sustentado de manera que siempre avia salido vencedor, y jamas vencido: y que el nombre que tenia en lengua Portuguesa era Montemor o Velho, adonde la virtud, el ingenio, valor y esfuerço avian quedado por tropheos de las hazañas que los habitantes del, en aquel tiempo avian hecho.

Y que las damas que en el avia, y los cavalleros que lo habitavan florecian hoy en todas las virtudes que imaginar se podrian. Y asi le contó la pastora otras muchas cosas de la fertilidad de la tierra, de la antiguedad de los edificios, de la riqueza de los moradores, de la hermosura y discrecion de las nymphas y pastoras que por la comarca del inexpugnable castillo habitavan, cosas que à Felismena pusieron en gran admiracion.»

Assim, ainda quando a *Diana* estivesse toda em castelhano, o que não se realisa, pois contêm composições em portuguez, não devêra ella considerar-se estranha a Portugal, paiz que o autor, como seu filho, tanto exalta, chegando a nomeal-o como »inexpugnable reino de Lusitanos«.

Além de quê: nem é a lingua o caracter unico da nacionalidade de qualquer composição litteraria, nem são tão

alheias entre si as duas, portuguesa e castelhana (que alias, n' outro tempo, foram por ventura a mesma) que não apreciem e saborêem os litteratos de ambas o que se acha bem escripta na outra; e que da maior parte dos bons engenhos portuguezes não haja tambem classicas paginas em castelhano. E é tão verdadeira essa correspondencia entre as duas linguas que muitas vezes me confessou o distincto poeta Garrett (e o mesmo me disse uma vez J. M. Grande) que, antes de escrever qualquer composição, se *enfronhava*, e refrescava um pouco o espirito, lendo *romances* castelhanos; e assim o praticou ao compôr, em duas occasiões (que, por um pouco doente, se viu obrigado a não sair de casa) o *Fr. Luiz*

de Souza *) e o *Alfageme*, composições ambas de que amigavelmente me fiou os manuscriptos, antes de lhes dar os últimos retoques, e de fazel-as representar. E vice versa, em Madrid várias vezes me disse D. Agustin Duran, o autor do *Romancero*, que muito aprendêra boa linguagem castelhana com a leitura dos escriptos portuguezes de Gil Vicente, de Jorge Ferreira e de Camões.

Nem deve isso causar admiração aos que saibam que, tendo presente os mais antigos documentos em vulgar, que se encontram de Portugal, Galliza Leon e Castella, se nota que houve um tempo em que o romance falado em toda a parte nort'occidental da Hespanha devia ser quasi identico.

*) Nota no fim.

Não tratemos já das cantigas d'Affonso o sabio, que em *verdadeiro* portuguez preferiu cantar. Remontando porém mais longe, até onde é possível, todos os documentos se nos afiguram como escriptos em portuguez antigo. Assim uma simples chrestomathia de taes documentos, por ordem chronologica, poderia dar uma exacta idéa de como a transformação e emancipação das duas linguas, portuguesa e castelhana, se foi operando *). Dil-o-hemos em poucas palavras, pedindo venia, por esta pequena digressão.

*) As ideas, que aqui apresento foram por mim sustentadas, na Hespanha, em muitas conversações com os meus amigos Pidal e Duran; e expondo-as uma vez, extensamente, ao meu collega Montherot (de Macon), elle as achou tão rasoaveis que me disse havel-as transmitido ao seu tio (materno) o conhecido Lamartine.

Os Castelhanos com mais frequente trato com os seus visinhos Arabes, por ventura mais civilisados, foram *arabizando* a linguagem, principalmente no tocante á pronúncia. Provaremos ésta asserção, exemplicando-a em um vocabulo bem trivial: *Filho*. Os antigos Castelhanos, segundo se confirma até pelos differentes textos traduzidos do *Liber Judicum*, diziam, á semelhança do latim, *Fillo*. Porém já nos poemas do 14º e 15º seculo haviam passado a dizer *Fijo*, adoptando dos Arabes o som guttural para a segunda syllaba. Por fim, como os Mouriscos de Andaluza e Granada não podessem pronunciar o F, foi admittido no Castelhana outro guttural para a primeira syllaba, e a palavra se converteu em *Hijo*. E o mesmo se passou, transfor-

mando-se *Fita*, *fizo*, etc. em *Hita*, *hizo*, etc.

Por sua parte, Portugal, ou por mais intolerante, ou por se achar em contacto com Mouros mais rudes, e de quem menos tinha que servir-se, por isso mesmo que tambem estava mais inculto, conservou quasi estacionaria a sua pronunciação, e seguiu dizendo *Filho*, como ainda hoje; embora adoptando muitas palavras de origem arabe. Depois de haver resistido á invasão do guttural mourisco ou arabe, cedeu porém a lingua portugueza a uma nova invasão, que lhe veio da Asia, com o aroma do cravo e o queimôr da pimenta. Foi a do feio nasal *ão*, substituido ao *am* forte, e ao *on*, em uso até os fins do 15º seculo, e ainda principios do 16º. — Por ven-

tura o proprio Camões, voltando do Oriente, viria a contribuir com todo o peso da sua autoridade, para essa admiravel e quasi inexplicavel *nasalisação* da lingua. —

Cumpre-nos acrescentar que antigamente os Castelhanos usavam, não dos artigos *el* e *la*, como hoje; mas sim dos, ainda hoje portuguezes, *o* e *a**).

Deste modo nenhum dos dois idiomas é dialecto, nem meio dialecto do outro. São duas linguas *irmãs*, — procedentes de quasi indentico romance. E não são as duas unicas da peninsula hispana. Sem contar o vasconço, mais antigo

*) No proprio titulo da antiga tradução do livro das leis feitas no IV. Concilio toledano (no setimo seculo) se lê: *en* «o IV. conceyo» . . . *en* «o tercero anno» . . . *en* «a era de», etc. . . Em portuguez se dizia antigamente *en*; e dahi veio *no*, *na*, por *em o*, *em a*.

e original, são linguas e não dialectos, o catalão e o valenciano, ambos com bons poetas, bons historiadores e bons romancistas, que nenhuma politica será capaz de aniquilar.

Porém prosigamos; que cumpre dar a conhecer as paginas portuguezas, em prosa e em verso, que nos legou o illustre cantor de Montemór. Eis um bom trecho em prosa, engastado no proprio texto da Diana:

»Ah! pastora, se as lagrimas d' estes olhos, e as magoas deste coração, são pouca parte para abrandar a dureza com que sou tratado, não quero de ti mais, senão que minha companhia por estes campos te não seja importuna, nem os tristes versos que meu mal junto a esta fermosa ribeira me faz cantar, te deem occasião de enfadamento. Passa

fermosa pastora a sésta á sombra destes salgueiros, que o teu pastor te levará as cabras ao rio, e estará ao retiro do sol, em quanto nas cristalinas aguas se banharem.

»Pentea, fermosa pastora, os teus cabellos de ouro junto áquella clara fonte, donde vem o ribeiro que cêrca este fermoso prado está, que eu irei em tanto a repastar teu gado, e terei conta com que as ovelhas não entrem nas seáras que ao longo desta ribeira estão. Desejo que não tomes trabalho em cousa nenhûa, nem eu descanso em quanto em cousas tuas não trabalhar. Se isto te parece pouco amor, diz tu em que te poderei mostrar o bem que te quero«

»La pastora Duarda respondiô entonces:

»Danteo, se é verdade que haja amor no mundo eu o tive contigo, e tam grande como tu sabes: jamais nenhum pastor, de quantos apascentam seus gados por os campos de Mondego e vêem as suas claras aguas, alcançou de mi nem uma so palavra, com que tivesses occasião de queixar-te de Duarda, nem do amor que te ella sempre mostrou: a ninguem tuas lagrimas e ardentes suspiros mais magoaram que à mi: o dia que te meus olhos não viam, jamais se levantavam a cousa que lhes desse gosto. As vacas que tu guardavas eram mais que minhas: muitas mais vezes, receosa que as guardas deste delectoso campo lhes não impedissem o pasto, me punha eu desde aquel' outeiro por ver se pareciam donde minhas ovelhas eram por mi apascentadas, nem

postas em parte onde sem sobresalto pascessem as ervas desta fermosa ribeira. Isto me dava à mi tanto em mostrarme sojeita, como a ti em fazer-te confiado. Bem sei que de minha sojeição nasceu tua confiança, e de tua confiança fazer o que fizeste. Tu te casaste com Andresa, cuja alma estê em gloria, que cousa é esta, que algum tempo não pedi à Deus, antes lhe pedi vingança della e de ti: eu passei depois de vosso casamento o que tu e outros muitos sabem; quiz minha fortuna que a tua me não desse pena. Deixame gozar de minha liberdade, e não esperes que comigo poderás ganhar o que por culpa tua perdeste.»

Saboreêmos agora as duas seguintes composições em portuguez, que fazem lembrar as de Bernardim Ribeiro:

1º.

Os tempos se mudarão
A vida se acabará,
Mas a fé sempre estará
Onde meus olhos estão.

Os dias e os momentos,
As horas, com suas mudanças,
Inimigas são d' esperanças
E amigas de pensamentos.

Os pensamentos estão,
A esperança acabará,
A fé me não deixará,
Por honra do coração.

E' causa de muitos danos
Duvidosa confiança,
Que a vida sem esperança
Já não teme desenganos.

Os tempos se vem e vão,
A vida se acabará,
Mas a fé não quererá
Fazer-me esta semrazão.

2º.

Suspiros, minha lembrança
Não quer, porque vos não vades,
Que o mal que fazem saudades
Se cure com esperança.

A esperança não me val,
Pola causa em que se tem,
Nem promette tanto bem
Quanto á saudade faz mal:

Mas amor desconfiança
Me deu, em tal qualidade,
Que nem me mata saudade
Nem me dá vida esp'rança.

Errarão se se queixarem
Os olhos com que eu olhei,
Porqu' eu não me queixarei
Em quanto os seus me lembrarem:

Nem podrá haver mudança
Jamais em minha vontade:
Ora me mate saudade
Ora me deix' esperança.

Além destas *) duas canções do dialogo transcripto, reproduzidos em vinte e tantas edições, pois mais de vinte conta o original da Diana, comprehendendo

*) Estando já composto o texto acima quiz consultar acerca de Montemayor o precioso thesouro do meu respeitado amigo Sr. Innocencio, e não duvido que no supplemento terá já a esta hora rectificado as seguintes linhas que escrevia em 1860 (Tom IV, p. 173): «E' todavia certo que Montemayor não compoz, e *menos imprimiu*, que se saiba, composição alguma neste idioma (portuguez). — Tudo o que d'elle se conhece é escripto em castelhano. Notavel sem desculpa foi por tanto o descuido do P. Antonio Pereira de Figueiredo, incluindo-o na lista dos autores qualificados por elle de primeiros classicos da lingua portugueza, tal qual se acha a pag. 25 do tomo IV das *Memorias de Litteratura* da Academia! — Seja este mais um exemplo do muito que os homens que se dizem grandes estão habituados a errar nas cousas mais triviaes.»

duas de Lisboa (uma de 1565 e outra de 1624), encontram-se também no Cancioneiro do mesmo autor, reimpresso várias vezes*), reminiscencias da lingua portugueza, e entre outras aquella soneto, com pretensão de portuguer e castelhano a um tempo,

«Amor com desamor se está pagando»,

que não transcrevemos aqui; não só porque anda manifestamente reproduzido com erros, sobretudo nos dois ultimos versos do 2º quarteto, como porque, admirando a idea (cuja execução cremos alias mais facil) do que a, tantas vezes resolvida, de compor

*) A edição de Alcalá, de 1563, contém no frontespicio um retrato, que supponmos representar o do poeta.

trechos, até em verso, que são a um tempo portuguez e latim), parece-nos que não foi no desempenho mui feliz o poeta.

Concluiremos observando que a *Diana* é uma das composições peninsulares que mais favor obtiveram no estrangeiro. Acha-se, por varios autores, traduzida ao francez, a começar de 1578, posta em inglez desde 1598, em allemão desde 1624 e em hollandez desde 1652. Nada sabemos a respeito do italiano. So edições das traducções francesas se contam pelo menos doze, algumas, como as de 1603 e 1611, com o texto original ao lado.

Consta que o célebre Gaspar Barth, traductor em latim da *Diana* de Gil Polo (dada á luz no amo de 1625, em

Hanau, com o titulo de »*Erotodidas-
calus s. Nemoralium Libri V*») projec-
tava tambem publicar, igualmente em
latim, a de Montemayor ; mas não che-
gou a levar avante a empreza.



§. XI.

Appendice Primeiro. Algumas palavras acerca da, Historia de Isea, impressa em portuguez, e porque não cremos que fosse livro de cavallarias. Descreve-se a edição castelhana de Reinoso. —

ais um livro antigo portuguez impresso, que se dizia de cavallarias, vemos catalogado entre os lidos por Moraes no principio do seu «Diccionario da Lingua Portugueza». Referimo-nos á *Historia dos trabalhos da sem ventura Isea . . . e dos amores de Clareo e Florisea*, impressa em typo gothico, sem indicação de anno,

nem de logar. O exemplar unico desse livro, que existia no Porto, na bibliotheca da casa de Balsemão, desencaminhou-se por occasião do sitio daquelle cidade em 1832, e não ha noticia de seu paradeiro. Possuimos porém felizmente, com titulo analogo, um livro impresso em 1552, em castelhano, por Alonso Nuñez de Reynoso, que declara havel-o compilado de outro antigo em toscano, arranjando-o a seu modo, etc. A' vista da similhança dos titulos é mais que provavel que os dois livros, portuguez e castelhano, fossem com pouca differença o mesmo; e, em tal caso, de nenhum modo poderia Reinoso ser proclamado como autor, quando a edição portugueza, pelos indicios, devia ser visivelmente mais antiga. Se o texto portuguez era o original, ou se

o era o italiano, é questão que não temos dados para decidir. A novella em castelhano é quasi exclusivamente amorosa e de lamuria. Ostenta erudição classica, e até da mythologia, em um torneio dos deoses; mas ás vezes parece affectada, e por alguém foi julgada escripta por uma dama: — a famosa Sigéa.

Confessamos que não podémos aguantar a leitura seguida do livro, e que apenas o repassámos. Porém o Sr. Ari-báu que o leu todo, ao que parece, assegura que nos últimos capitulos diminue de sensibilidade e passa á região das visões e encantamentos. No meio da narração desaparecem os dois heroes, e fica apenas a desventurada Isea, porém convertida em mera espectadora. Por fim se apresenta um novo personagem em demanda d'aventuras; e,

se o livro não acabasse ahí, passaria provavelmente a continuação a ser de todo de cavalleiros andantes. Cremos que os leitores levarão a bem que demos aqui uma idéa, tão exacta quanto possível, dessa edição castelhana, cujo conhecimento veio, até certo ponto, a pôr também em letigio a nacionalidade desta composição, que Portugal ha muito julgava pertencer-lhe.

E' um tomo de 8º; e consta de duas partes: a 1ª, com 200 paginas, numeradas todas, exceptuando as duas correspondentes ao frontispicio. Neste se lê: »*Historia de los amores de Clareo y Florisea, y de los trabajos de Isea: Con otras*) obras en verso, parte al estilo Español, y parte al Italiano:*

*) Não tres, como se lê no Dicc. do Sr. Innocencio, T. 3º p. 197.

agora nvevamente sacado a luz. Con Privilegio. En Venecia por Gabriel Giolito de Ferrari, y sus hermanos. MDLII.»

Depois do titulo, tanto neste frontespicio, como no do livro adjuncto (de que adiante se trata) se encontra a Phenix, que era divisa dos editores; repetindo-se, em maior escala, no verso da última pagina, segundo se nota em outras muitas impressões dos ditos Giolitos.

Precede a novella uma especie de dedicatoria de Alonso Nuñez de Reynoso »al muy magnifico Señor Juan Micas» datada de Veneza em 24 de Janeiro de 1552, na qual conta como *havendo*, em casa de certo hivreiro, *visto um livro*, que se dizia haver sido escripto primeiro em grego, e depois

em latim, e ultimamente em toscano, e parecendo lhe »*cosa de gran ingenio y de biua y agraciada invêció*» . . . resolvera de »imitando, y no romançando escreuir esta mi obra q los amores de Clareo y de Florisea y trabajos de la sin ventura Isea llamo *en la qual no uso mas que de la inuencion, y algunas palabras daquellos razonamientos*» *).

Todas as paginas são de compacta e apertada lettra grifa ou italica. A novella de Clareo e Isea em 32 capitulos finda na pagina 196, seguindo-se na p. 197 um »soneto de vn cavallero cuio nombre se encubre para maiores cosas», soneto cujo autor considera a Alonso

*) Esta expressão fez suppor a Aribáu (*Bib. de Aut. Esp.*, III, p. xxix.), que o livro em toscano se chamava *Ragionamenti de amore*, e podia ser do florentino Firenzuola, o que não se confirma.

Nuñez de Reynoso como verdadeiro autor da novella; mas deve entender-se autor »á maneira de Luis Hurtado«.

As tres paginas seguintes são occupadas com uma epistola do mesmo Reynoso a D. Juan Hurtado de Mendoza, datada de Veneza no 1º de março, de 1552, na qual elle se lhe declara autor do livro, dizendo: »Quanto ha en esta *mi obra* en prosa auer imitado o Ouidio, en los libros de Tristibus, a Seneca en las tragedias«.

Depois de concluir a carta, na pag. 200, lê-se »*Imprimio-se esta historia de Florisea en la muy noble çiudad de Veneçia, por Gabriel Julito (sic), y sus hermanos, y cabosse (sic) primero dia de Março de MDLII años*«.

Vem depois o *Libro segvndo de obras en coplas castelhanas y versos*

al estilo italiano. »In Vinegia appresso Gabriel Giolito de Ferrari et Fratelli MDLII.

E' uma nova obra de 135 paginas numeradas, e no fim desta última se lê: *»Imprimieronse estas obras en uerso, que uan juntamente con la historia de Florisea, en la misma estâpa de Gabriel Julito (sic) y sus hermanos, y acabaronse en el mismo dia«.*

Este 2º livro consta de versos de Reynoso, em lingua castelhana, mas segundo o estylo e arte rithmica mais em uso em Italia; donde se vê como se expressaram com pouca clareza tanto Brunet como especialmente Grässe, quando delle dão noticia, dizendo o primeiro (T. 4º, ed. 1863, pag. 1199) *»Le style de ce roman est un mélange d'espagnol et d'italien«*, e o segundo (Tom. 6º, p. 73)

»Ce livre, écrit dans un style *mêlé d'espagnol et d'italien*«, etc. O certo é que não ha em todo o livro mais composiçào em italiano do que um soneto em louvor de Reynoso pelo conhecido poeta Ludovico Dolce, autor dos dialogos das Damas, da pintura e da memoria artificial, e dos cantos de Sacripante e de varios epopéas, celebrando não so Achilles, Eneas, Ulisses e outros, como os fabulosos Palmeirim, Primaleão, e Orlando. Os versos consistem em decimas, eglogas e epistolas, entre as quaes uma (de pag. 119 a 124) em tercetos, ao »famoso« Feliciano de Silva, lembrando-se, com admiração de suas filhas, Maria e Isabel, e concluindo deste modo:

»Y Betica se huelgue con Lucano,
Y Meonides traiga mui ufana

Su Grecia, mas España a Feliciano
Contra todos oponga muy loçana».

Já se vê que estas poesias nada tem que ver com a novella da primeira parte, reduzindo-se a lamentos e queixumes do autor que se via em pobreza. Outro tanto porém não succede com uma nova epistola ao mencionado Juan Micas, que vem de pag. 3 a 5, com juizos acerca da novella. Della transcrevemos aqui os periodos em que se refere á mesma novella; pois equivallem bem a uma descripção della.

...»esta historia passada de Florisea, yo no la escreui para que seruiesse solamente de lo que suenan las palabras sino para auisar a bien biuir como lo hizieron graues autores, que inuentando Fiçiones, mostraron a los hombres auisos para bien regirse haziendo sus cuentos aplacibles, por induzir a los letores a leer su abscondida moralidad ...

Y ansi todas las mas cosas de aquella historia tiené secreto, porque por Florisea y Clareo, se entiende, quã obligados son los casados a guardar firmesa y usar uirtud por lsea quan bien estan los hóbres en sus tierras, sin buscar a las agenas. Por aquella defunta Ninpha que ninguno se confie por gallardo y robusto que sea en la uida ni en su mocedad por Felicindos la fortaleza que los hombres de grande animo deuen tener, por poder llegar a aquella casa de descanso. adonde estaua la princesa Luciana, porque aquella es la clara y uerdadera, y assi ninguna cosa ay en toda aquella historia, que no tenga algun exemplo para bien biuir. Por lo qual quien a las cosas de aquel libro diere nombre de las uanidades de que tratan los libros de cavallerias, dira en ello lo que yo en mi obra no quise dezir, porque en uerdad que ninguna palabra escreui que primero no pensasse lo que de baxo queria entêder« etc.

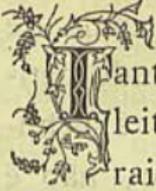
Tanto o texto completo da novella em castelhano, como a carta a Juan Hurtado, os dois sonetos, a dedicatoria

a Juan Micas e parte da carta ao mes-
mo Juan Micas de que acima fazemos
menção foram em 1846 reproduzidas,
de pag. 631 a 468, do Vol. III. da
Bibliotheca de Autores Españoles.



§. XII.

Segundo Appendice. Paginas de historia. —
De como a rainha D. Joana foi vítima da
ambição de outros.

anto interesse deve merecer aos
leitores tudo quanto respeita á
rainha D. Joana, se na realidade
foi ella o ideal dos amores de Bernar-
dim Ribeiro, segundo se pode depre-
hender á vista de quanto exposémos
desde paginas 123 a 127, que julgamos
dever associar a este livrinho algumas
paginas acerca da sua triste história.

Quanto mais estudâmos o que se
passou com essa infeliz rainha (apenas

de nome) mais nos convencemos que ella foi victima da ambição dos outros, e não da sua falta de capacidade para o governo.

Ainda quando se nos provasse que os sofrimentos que padeceu como querem alguns, depois de dar á luz o infante D. Fernando (em Alcalá aos 10 de março de 1503) tivessem mais de mania puerperal do que, segundo pensamos, de ciumes do marido e veheamente paixão physica por elle, não é difficil reconhecer que embora ciumenta, caprichosa e sem nenhuma ambição de mandar, não era tal *louca*; e que disso estiveram convencidos não só o pai e depois o filho, como antes o marido. Este último, perseguido pelos *justos* ciumes da mulher, e com receos de que os escandalos passados nos pa-

ços de Flandres, chegassem, em seu desabono, aos ouvidos do sogro e da sogra, tomou o facil, bem que inhumano, expediente de dar aquella por adoidada, e de encerrai-a. Contribuiram estas noticias a abreviar os dias da infeliz mãi; e no testamento que deixou, obra toda de astuto e ambicioso marido, o catholico, dispoz, entre várias enormidades em favor deste, que a filha a herdaria, porém continuando a mandar em Castella como administrador o rei seu marido, no caso que aquella sua herdeira não quizesse ou não pudesse vir a Castella. No proprio dia da morte da boa Isabel saiu o rei viuvo de casa a fazer proclamar rainha a filha, e a si administrador; e tudo fez reconhecer pelas côrtes que convocou em Toro, em Janeiro de 1505.

Poz embargos o genro, e se propoz passar a Castella, aconselhado pelo valido D. Juan Manuel, e apoiado effizazmente pela nobreza castelhana, pouco afeiçoada a Fernando. Intimou este ao genro que não poderia apresentar-se em Castella sem a mulher, e que os do reino desejavam conhecer, pelas obras, *se era falso* o impedimento que se dizia ter a rainha, ou se lhe permittiria governar e reinar« *). — Já se vê pois como o pai, quando via que o mando podia sair-lhe das mãos, duvidava dos impedimentos da filha.

Enviou a Flandres, com esta missiva, o seu adicto Conchillos, o qual, avisando-se com a Rainha, conseguiu della um decreto, approvando completamente o testamento da Rainha Isabel sua

*) Mariana, I, 28. cap. 12.

mâi, e entregando a administração dos seus reinos ao pai. Sabe-se como essa tramma foi descoberta; do que resultou começar Felipe a tratar a Rainha com mais crueldade, despedindo todos e todas de Hespanha que tinha a seu lado, e encerrando-a, com mais severidade e vigilancia; do que, diz Lanuza, teve ella tanta colera que »maltrató de palabras al Principe de Simay y al señor de Frenoy, y aun se dize que puzo en este los manos, quando entendió que se havia mandado a Don Juan de Fonceca, obispo de Palencia que no entrasse a visitarla«.

Resolveu porém por fim o rei-consorte Felipe passar á Hespanha, levando comsigo a esposa. Aportando ambos em Inglaterra, conseguiu Fernando que Henrique 8º ahi os reti-

vesse em festas varios mezes; e entretanto começou a convocar tropas, a pretexto de libertar a Rainha, presa e *coacta* em poder do marido. Isto depois de haver tentado em vão de chamar a si, entre outros, o valido D. Juan Manuel, corrompendo-o directamente, ou por meio da sua mulher. Mas viu-se desamparado completamente da nobreza e de todos (exceptuando mui poucos, incluindo o duque d'Alba) e conheceu que não podia tentar o recurso das armas. — Por fim humilhou-se; assistiu desarmado e sem tropas ás conferencias, em que do lado do genro tudo estava em armas, aceitou o que este lhe quiz dar, não perguntou pela filha, nem chegou a vel-a, e sem mostrar nenhuns resentimentos, e como sem despedir-se de tornar a ser neces-

sario, retirou-se para o Aragão. Devem ler-se os cap. 20º e 21º do 28º livro da Historia de Hespanha por Mariana para se ter idea das humilhações, a que se submetteu então Fernando Catholico, no Remesal e em Renedo, em Junho e Julho de 1505.

Por outro lado tratou Felipe de lisongear aos nobres, encaminhando-os a que subscrevessem uma representação para que governasse, em detrimento da Rainha. Sabe-se como resistiu a assignar esse papel o Almirante de Castella, antes de avistar-se com a mesma Rainha, o que teve logar no Castello de Muciéntes. Tambem é sabido como nessa conferencia a Rainha, ao Almirante, »nunca respondeu coisa que fosse desconcertada«; instando entretanto Felipe em que se abreviasse a conferen-

cia, a fim de *encerrar* a esposa outra vez»; ao que ponderou o Almirante que visse bem o que fazia: »que pois o *seu mal eram ciumes*, encerral-a seria augmentar o mesmo mal e paixão». Podia acrescentar que as proprias emoções que lhe dariam os assumptos da governança a distrahiriam e concluiriam por tranquilisal-a. Tal é, entre outros, um dos remedios aconselhados pelo famoso medico do amor, Ovidio; e por ventura o indicaria o proprio Almirante; mas tal remedio não podia ser aceito por quem tinha interesses de ver, pelo contrario, augmentada a doença, e até fazel-a incuravel.

Conseguindo entretanto Felipe, agradando por todos os lados, alcançar o mando, tão mal o susteve que, em toda a Castella ia rebentar uma guerra

civil, talvez mais sanguinolenta do que a dos communeros, que teve logar quinze annos depois, quando, havendo governado pouco mais de um anno, por fortuna sua, deixou de existir no dia 25 de Setembro de 1506, achando-se mui robusto e no vigor dos 28 annos de idade. Adoeceu em umas festas dadas em Burgos pelo seu valido D. Juan Manuel, por tomar muitos refrescos quando transpirava. Diz Mariana que «algunos tuvieron sospecha que le dieron yerbas», e que o seu medico Ludovico Marliano, milanez, que foi *pouco depois elevado a bispo* (de Tuy), dissera que proviera a morte de exercicio demasiado. . . .

Ao ver um medico estrangeiro recompensado com tal prebenda (um me-

dico com um bispado!) por aquelle que mais fructo recolheu da morte do genro, a quem odiava, não sabemos que ajuizar...

Se a paixão da Rainha pelo seu defuncto marido, embora della pouco merecedor, não fosse tão intensa, e se tivesse verdadeira ambição de mando, era chegada para ella a occasião de libertar-se, estando então o pai ausente em Italia. Ficou porém tão preocupada, que só no marido seguiu pensando as primeiras semanas. Quizeram os que se temiam do rei Catholico que se casasse logo outra vez, e offereceram vantagens a D. Maria de Ulloa, »que tinha com ella muita cabida« para que a isso a encaminhasse. Claro está que a Rainha, a quem seu marido deixára

gravida*), não podia então tal ouvir e
»lo rechazó e echó muy lejos».

Por fim, tratou de informar-se dos negocios, mostrando-se desejosa de occupar-se delles. Ouvindo grandes clamores contra a torrente de graças feitas depois da morte de sua mãe, julgou que seria acertado começar por annullal-as. A enunciação deste pensamento foi a sua ruina. Os nobres devoristas preferiram antes arriscar-se a chamar ao governo o rei catholico, esperando em que ao menos, como astuto politico, lhês faria válidas todas as mercês. A annullação iria até contender com alguns dos do Conselho Real, que, desde logo, se decidiram a inclinar-se

*) Veio a dar á luz a infante D. Catharina, ao depois Rainha de Portugal, em Torquemada aos 14 de Jan. 1507.

de todo pelo mesmo rei Catholico. O proprio arcebispo Ximenes, julgando-se com a Rainha muito menos seguro no poder, do que com o regresso do seu amigo, o rei Catholico, logo com este instou que não demorasse em se apresentar. E tão bem o serviu, que o ambicioso Fernando se apressou a recompensal-o, sollicitando para elle o cardinalado.

Facil foi ao ardiloso rei entender-se com a boa filha, e fazer-lhe crer que mui altas razões de Estado exigiam que elle seguisse no mando, e ella apartada d'elle, e enclaustrada, rechassando toda a idéa de casal-a de novo. —

Alguns annos depois (1510) veio passar vinte dias com a desgraçada filha em Tordesillas, confiando-a a doze donas de *toda confiança*, para que a vi-

giassem e lhe fizessem companhia. Escrip-
tor ha que acrescenta (suppondo
candidamente que ella estaria louca
rematada) »e para que a vestissem,
porque ella não gostava senão de andar
rota o suja e dormir no chão, *sem mu-
dar de camisa*»..... Mas se isso era
assim, como deixaram em sua compa-
nhia, até que casou, a infante D. Ca-
tharina, depois rainha e até regente de
Portugal? E como a apresenta o mes-
mo escriptor entendendo-se depois tão
judiciosamente com os chefes dos *co-
muneros*?

A clausura e incommunicabilidade
com os de fóra foi tal que, nem se
quer para pôr luto, lhe participaram
a morte d'elrei seu pai, succedida em
Madrigalejo no dia 25 de Janeiro de
1516; de modo que, só passados mais

de quatro annos, quando *posta em liberdade* pelos *comuneros*, foi que desta morte teve noticia, nem que o filho e a camarilha receassem que ella se alçasse com o Reino.

Devendo mostrar-se consequente com os motivos allegados para haver governado em Castella, vivendo a Rainha legitima sua filha, dispoz o habil rei Aragonéz que viesse a succeder-lhe no governo de ambos os reinos de Castella e de Aragão, o seu neto D. Carlos, ficando o Cardeal Ximenes, a quem tanto devia, com a regencia, em quanto se não apresentasse o dito seu neto.

Não passando este a tomar posse, pretendeu que ficasse de regente o flamengo Adriano, que logo elevou ao papado. Depois, por meio de uma ordem, hypocritamente escripta, exigiu ser

chamado rei, do que murmurou o povo e a propria Rainha, sua filha, que, não havendo sido informada da morte do pai, o rei catholico D. Fernando, continuou nomeando a seu filho Principe, corregindo os que *se enganavam*. — Chegou a ter D. Carlos temores desta opposição *), e de que algum partido se levantasse a favorecel-a, pelo que tratou de a guardar com maior segurança.

Que não seria desde logo mui bem tratada se collige ao ver que se fez necessario que as Cortes de Valladolid em 1518 lembrassem no primeiro dos capitulos que dirigiram ao pseudo-rei:

*) »Y por temer-se *elrei* D. Carlos! de los *malos terceros* que havia con su madre, procuró que en su servicio estuviesen siempre cavalleros *llanos* . . . que la sepultaron en Torde-sillas». *Sandoval*.

«Que la Reina D. Juana . . . estoviese con la casa y asiento que a su Real Majestad se devia, como a *Reyna Señora* destes Reynos«.

Na carta que, dois annos depois, em 24 de outubro, os secretarios dos *comuneros* escreveram ao rei D. Manuel de Portugal *) diziam haver encontrado a rainha »tan mal tratada, »assi del poco cuidado de su persona, »y que de su salud se tenia, como de »otros desacatamientos que en Su Real »Persona se hazian«.

Por essa occasião, posta a Rainha em completa liberdade pelos *comune-ros*, não deu senão provas de muito bom accordo e são juizo. O célebre bispo Prudencio de Sandoval, chronista

*) Veja a integra em Sandoval, Hist. de Carlos V., Lib. VII., § XIII.

de Carlos V., apezar de haver ao parecer acreditado haver sido real a loucura da Rainha, não lhe attribue por esta occasião e nas muitas audiencias que deu a Padilla, a menor falta, nem se quer ás regras da etiqueta*).

Pelo contrário: ao Presidente Rojas e mais conselheiros respondeu: Quinze annos ha que não me tratam bem, nem me falam verdade e o Marquez (de Denia que presente estava) é o primeiro que me ha mentido. — Quiz justificar-se o Marquez, e ella proseguiu, dizendo ao Presidente Rojas: »Bispo, crê-me que me parece sonho tudo quanto vejo e quanto me dizem«. No outro dia presidindo ao conselho, que durou seis horas, ordenou, de seu proprio motu, que assim como se pra-

*) Liv. VI., § 25 e 26.

ticava no tempo da rainha sua mai, trouxessem cadeira para o bispo e bancos para os mais conselheiros. A vista do quê, com toda razão exclama a este respeito o Sr. Ferrer del Rio, meu amigo e companheiro de viagem atravez dos fataes campos de Villalar: »Sus ideas se remontan de un vuelo á la muerte de su tierna y amorosa madre: desde entonces datan su desamparo y su ignorancia de quanto ha acaecido en el reino. Habia al fin sonado la hora de justiciu celeste: los ministros del principe, *cuyo desvelo filial se redujo á visitar dos veces á su infeliz madre de pasada y como por cumplimiento*, enseñaban á las comunidades que en Tordesillas estaban la bandera de la legitimidad y el *centro de un poder benigno y justo* contra el

cual nunca se rebelára el espíritu monarquico de los castelhanos».

Em summa: em companhia da Rainha, Dom Fernando Catholico passava, em quanto vivo, muitos dias; com a mesma Rainha morou até casar-se a infante D. Catharina, sua filha; os que viram a Rainha em Mucientes, em 1505, não lhe encontraram nenhuma falta; nem tão pouco, os chefes *comuneros* em 1520. Está autorisada a historia, — a justa e imparcial historia, a denominal-a *Juana la Loca*?

Infelizmente porém os *Comuneros* foram derrotados nos campos de Villalar, e a sacrificada Princeza, depois de haver gosado da liberdade, e de haver-se convencido de que era a legitima Rainha de Castella, e de como até ali fôra víctima, viu-se de novo encerrada,

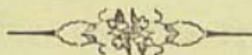
e com o mesmo verdugo Marquez de Denia por carcereiro, e, o que deve causar mais pasmo, na miseria! . .

Rasão de sobejo deveu ter então para viver continuamente irritada, e não gozar mais de tranquillidade nos trinta e cinco annos que, por sua desgraça, ainda quiz Deus que vivesse, chamando-a somente a si, morrendo mui christãmente, a 11 de abril de 1555, quando contava 76 de idade, e se achava na maior pobreza *). Ah! Mundo! mundo! . . . — immundo. . .

Deste modo o célebre imperador Carlos V. só foi *legitimo rei* de Hes-

*) »El Marques Denia . . a S. M. *la suma pobreza* con que la Reyna habia muerto y quedavan sus criados que era tan gran lástima que *por no dar pena a S. M, no lo dezia en particular*», etc. (Sandoval).

panha durante pouco mais de meio anno, e so esses mezes e dias *reinou* no Aragão, que, bem differente de Castella, não o reconheceu antes naquelle titulo. Cançado de guerrear, de arruinar a rica Hespanha e de fazer derramar sangue, o que em Castella não foi 5º nem 1º, abdicou a 28 de Outubro, e foi morrer a Yuste. Deus lhe perdôe; mas trate a historia de não deixar-se levar pela fascinação.



NOTAS.

Nota A, pag. 15.

O exemplar da *Estoria de muy noble Vespasiano* da Bibliotheca Nacional de Lisboa não tem rosto, e estando falta das tres primeiros folhas, começa em parte do capitulo 3º, vindo logo os demais, conforme constará dos seguintes titulos, que nos foram communicados pelo nosso amigo Sr. Silva Tullio:

Como o emperador preguntou se iesu xpo creia nos idollos. Capitollo iiij.

Como o emperador enuiu buscar as reliqueas de iesu xpo pollo seu mestre salla. Capitollo v.

De como chegou gays a jherusalem e de como o acolheo jacob em sua casa e de como disse o mestre salla gays a jacob ao q'era vijndo a jherusale'?

Das palavras q dizia jacob ao mestre sala que se cria o emperador em jhesu xpo. Capitollo vi.

Como gays rogou a jacob q enuiasse polla molher veronica. Capitollo viii (sic).

De como folgou o emperador com a vinda de seu mestre salla. Capitollo ix.

Como disse o emperador que se deus he daua saude que vingaria a morte daquelle santo profeta jhesu chisto (sic *).

Da oraçam q' fazia a sancta veronica. Capitollo xi.

Da voz do anjo que disse aa veronica em como falaria polla manhaã a sam cleme'te aa porta. Cap. xii.

De como o emperador nô quis adorar os ydolos e foy saão co' o pãno de veronica. Cap. xiii.

Da grãde alegria que foy na córte do emperador polla saude de seu senhor *).

*) Não tem numeração.

Das graças q' deu o emperador aa molher veronica por q' foy causa da sua saude. Cap. xiiii.

De como o emperador mândou fazer hu'a ygreja em roma e mândou poer o santo pano de veronica em ella. Cap. xv.

Da falla q' o emperador ouue cô pilatus. Capitollo xvi.

De como cõtou o emperador a seu filho titus as palauras que ouue com pilatus e do prazer que ouuerom. Cap. xvii.

De como pesou a jacob das pallauras q' dizya el rey archileus e barrabas a pilatus. Cap. xviii.

De como o emperador mândou fazer grâdes vallas derrador da çidade. Cap. xix.

De como disse o amjo a raynha e a clarissa sua cõpanheyra q' comessem seus filhos, porq' se auia de cõprir a profecia *).

De como forõ consoladas as donas cô as pallauras do amjo. Cap. xxi.

De como desesperou el Rey archileus e chantou a espada pello coraçam. Cap. xxii.

Como partio o empador de acre pera se tornar pera roma. Cap. xxii (sic).

*) Não tem numeração.

Como o empador se acôselhou co' sua co'pa'ha nas nauios pera se tornar pera roma. Capitollo xxiii.

Como se bauptizou o emperador e seu filho titus e seus caualleyros. Cap. xxv.

Como o emperador mandou trazer ante si pilatus, e como foy julgado aapena. Cap. xxvi.

Como foy leuado pilatus aa çidade de albana e ho meterô em huû poço. Cap. xxvii.

Como o alcajde de albana mandou pooer pilatus no rio em hua casa, e como se afundou elle e a casa. Cap. xxviii.

Como foy codenado pilatus ao diaboo porque nô teue arrependimento. Cap. xxix.

Diz no fim:

Foy emprimida a presente estoria de muy nobre Vespesiano emperador de roma em a muy nobre e sempre leal çidade de Lisboa per Valentino de morauia a louuor de D's e exalçamêto da sua santa ffe catholica, na era de Mill, cccc, lxxxvi.

A numeração dos capitulos chega ao 29º; havendo-se, por descuido manifesto, saltado do 6º ao 8º. Tem o

livro varias vinhetas gravadas em madeira, e, na última pagina, de um lado a divisa do impressor, e do outro a esphera manuelina, ambas igualmente gravadas em madeira.

E' quasi seguro que de texto igual a este deve ser o que, dois annos depois (1498), foi, em castelhano, impresso em Sevilha »por Pedro Brun savoyano, a 25 dias de Agosto«, em trinta e quatro folhas de 4º, com o titulo de *Historia del rei Vespesiano*, do qual existe um exemplar na bibliotheca grenvilliana do Museo Britannico, donde se deverão copiar, para juntar ao exemplar em portuguez, as primeiras folhas que faltam.

Em vez ds *Historia de Vespasiano*, deveria este livro chamar-se, com mais razão, *Historia* (tão verdadeira pelo

menos como a do Santo Greal) *da Veronica*. Menos venturoso que o seu companheiro do Santo Greal, não teve este *conto* poetas novellistas que lhe dessem voga e exaltassem sua importancia. O Arimathéa do conto do Santo Greal converteu-se neste em Jacob, conservando-se entretanto ao mestresala de Vespasiano o proprio nome Gais, que lhe dá em sua compilação o Dr. Manuel Alvares.

Não se deduza porém que esta lenda da Veronica seja de origem e invenção portugueza. Outras analogas corriam em latim, desde o seculo 12º. Na Bibl. de Munich (Cod. Ignor. 86) se conserva manuscripta a lenda de Pilatos, de que deu Mone uma amostra no *Anzeiger* de 1838, p. 526.

Do *Livro de Joseph abarimatia in-*

titulado a primeira parte da demanda do Santo Grial ata a presente idade nunca vista treladado do proprio original por ho Doutor Manuel Alvarez demos a descripção no nosso *Cancioneirinho*, pag. 165 e 166.

Nota B, pag. 25.

A existencia de alguns livros de cavallarias, entre os de uso particular d'el rei D. Duarte, serve a confirmar que a taes leituras se dedicavam então os reis e os principes, e por meio della vinham até muitos a aperfeiçoar a sua educação; servindo-lhes quasi do tanto proveito como das historias verdadeiras. Quantos reis que a historia admira não haveriam sido tão bons, se não se houvessem proposto

tomar por modelo, já o rei Arthur, já Carlos Magno, já o Perion ou algum outro!

Assim os autores dos livros de cavallarias, então que não havia imprensa nem jornaes, podéram falar claro aos reis e aos grandes, como depois o fizeram no pulpito varios prégadores, incluindo o P. Vieira.

Note-se que, com os dotes mais essenciaes aos bons reis, de serem justos, piedosos, verdadeiros e *serenissimos*, são sempre apresentados nas novellas de cavallarias. Taes dotes foram ate exigidos na Hespanha em uma antiga lei de côrtes, que faz parte de um dos codigos mais admiraveis da idade media, no qual se lêem as seguintes disposições.

»O Rei deve reinar piedosamente,

fazendo direito. Deverá possuir as duas virtudes verdade e justiça e ser reconhecido por piedoso«. »Deverá ser em seus juizos mui manso... reinando com humildade de coração e boas obras«. . . »O que.. for contra esta lei e for cruel com os povos por braveza, cobiça ou avareza, seja excomungado«. . . »Deve estar preparado a fazer mercês« etc.

Nota C, pag. 27.

Chamámos *castelhana* á novella do Tablante, porém mais seguro nos parece denominal-a *hespanhola*. Antes tem seus visos, até pelo nome, de ser de origem catalana.

Nota *D*, pag. 37.

Dando a conhecer a traducção de Bellotti, não podemos dispensar-nos, escrevendo em Vienna, do offerecer tambem aqui algumas noticias, menos conhecidas, das traducções allemãs.

Da do Dr. Heise publicou-se uma edição em Leipzig em 1804 (por Weidmann).

Da de Kuhn e Winkler se publicou outra edição em Vienna em 1828, em 16^o.

Donner publicou só o 1^o canto em Stuttgard em 1827; e depois toda a obra, por 1^a vez, em Ellwang, 1830, 4^o gr.

Ao nosso amigo Sr. Innocencio escrevemos assegurando que a edição (em portuguez) de 1821, que se diz do

Rio de Janeiro, é evidentemente feita em França; e que a J. E. Hitzig (de que lhe mandei um exemplar), foi feita em Berlin por Dümmler em 1810.

Creio haver-lhe tambem dado conhecimento de uma edição do original dos *Lusiadas*, feita em Pernambuco (Typ. de Santos & Comp.) em 1843, 397 pag., in 32º.

Ultimamente fiz aquisição de outra edição, em dois volumes em 12, de Avinhão, anno de 1828.

Nota E, pag. 39 a 41.

A' vista do proprio texto do Carlos Magno, o 1º livro foi tirado do *Espelho historial* *) em latim, e os immediatos,

*) »E o que até agora temos dito se tirou de hum Livro chamado *Espelho Historico*, e

com as proezas de Oliveiros e demais Pares, »das chronicas francezas«.

A respeito do 5º livro, conseguimos, em quanto se imprimia este opusculo, confirmar a nossa conjectura de que é de origem italiana; e nada menos que tirado do poema »*Innamoramento di Milone d' Anglante*«, nessa lingua impresso por vezes, desde fins do seculo 15º. — Devemos o ter apurado este facto á aquisição que acabamos de fazer do rarissimo livro de Antonio de Eslava, impresso em Barcelona em 1609, sob o titulo de *Noches de In-*

sem discrepância se traduzio de Latim em Castelhana; e nós agora o traduzimos com melhor elegancia na nossa (faltou-lhe a *lingua*, apezar das filancias da *melhor elegancia*) Portugueza. (Proemio do livro segundo.)

vierno (Primeira Parte, sem segunda). Dedicava o cap. 8º, desde fol. 141 v. a 165 (sem as folhas 142, 143 e 144 que foram salteadas), ao nascimento de »*Roldan y sus niñerías*; e o cap. 10º ao nascimento de Carlos Magno, que, traduzido, bem poderia fornecer um novo livro á novella em portuguez. O nome de *Milon d' Anglante* foi convertido em *duque de Milão* no texto portuguez.

Os resumos de Eslava estão em prosa, e não em verso, conforme imaginou o Sr. Gayangos, no seu *Catalogo*, pag. LXXXVI.

Quanto á *Segunda Parte* do Carlos Magno, que foi dedicada ao alcaide mór do Rio de Janeiro Manuel Corrêa Vasques, diz-se ella no rosto »fielmente tirada das chronicas francezas daquelle

tempo»; mas semelhantes declarações eram geralmente fictícias.

Bem que de assumpto posterior á epoca do cyclo carlovingio, pode associar-se a ella, como uma continuação, como se pretende no proprio texto da novella, a dos nobres *Oliveros de Castilla de Artur del Algarve*, hoje bastante rara, apezar das edições (em castelhano) de Burgos (1499), Valladolid (1501), Valencia (1505), Sevilla (1507 e 1510), Alcalá (1604) e das duas de Madrid do seculo passado, uma sem data e outra de 1735, ambas as quaes se encontram na Bibl. Imp. de Vienna.

Em uma carta de Duarte Gomes ao traductor italiano Francesco Portonari da Trino, junta á traducção publicada em Veneza em 1552, se dá como ve-

rosimil haver sido originalmente obra de autor portuguez; mas não se allegam para isso razões de bastante peso.

Nota *F*, pag. 42.

As tres novellas do P. Matheus Ribeiro, em estylo gongoristico, e repletas de enfadonhas erudições, bem como o *Serão Politico* de Fr. Lucas de Santa Catherina (sob o anagramma de Felis da Castanheira Turacem), entremeado de poesias castelhanas, vieram bastante depois, e nunca chegaram a alcançar tanta popularidade como o *Trancoso* e o *Rabello* (Gaspar Pires); segundo se confirma pelas frequentes edições que tiveram, especialmente aquelle, que, segundo as mais recentes averiguações, chegou a ser honrado

com dez pelo menos em perto de um seculo (1585—1681).

Nota G, pag. 58.

O autor do *Palmeirim d' Inglaterra* veio a imitar a Vasco de Lobeira quando fez Amadiz engeitar a Briolanja. Tambem o heroe de Moraes, para ser fiel a Polinarda, desdenha o casamento que se lhe offerece com a bella rainha da Tracia, que acabava de libertar, propondo-lhe que se case com seu irmão Floriano, que, como Galaor, ainda vivia *isento*.

Nota H, pag. 61.

Eis as proprias frases do filho do poeta Ferreira: »Os dous sonetos que

vão fol. 24 fez meu pai na linguagem que se costumava neste Reyno em tempo del Rey D. Dinis, que he a mesma, em que foi composta a historia de Amadis de Gaula por Vasco de Lobeira, natural da cidade do Porto, cujo original anda na casa de Aveiro. Divulgarão-se em nome do Iffante D. Affonso, filho primogenito del Rey D. Dinis, por quam mal este principe recebera (como se ve da mesma historia) ser a ferosa Briolanja em seus amores tam mal tratada«.

Nota J, pag. 69.

Dizemos *admissão* e não *invenção* do soneto por Dante Alighieri; porque estamos convencidos que este grande poeta não foi o verdadeiro inventor

dessa fôrma rithmica*), embora ja antes de Petrarca, lhe desse grande autoridade, ao servir-se igualmente della. — Antes porém do dito Dante ja haviam nessa mesma fôrma composto sonetos, na 2^a metade do 13^o seculo, pelo menos, Albertino Girologo, Guittone d'Arezzo, Gervasio Ricobaldo, Ottaviano degli Ubaldini, Guido Orlandi, Mino del Pavesaio, Guido Cavalcanti e Dino Frescobaldi. Entretanto cremos que Lobeira conheceria as poesias de Dante, de mais nomeada que as dos outros, e até se nos figura que, compondo a sua resposta, foi nella inspirado pelo seguinte soneto de mesmo Dante :

*) Do 1^o verso com o 4^o, 5^o e 8^o e do 2^o com o 3^o, 6^o e 7^o.

Cavalcando l' altr' jer per un cammino,
Pensoso dello andar, che mi sgradia,
Trovai Amor nel mezzo della via,
In abito legger di pellegrino.

Nella sembianza mi pareo meschino
Come avesse perduto signoria;
E sospirando pensoso venia,
Per non veder la gente, a capo chino.

Quando mi vide, mi chiamò per nome,
E disse: io vegno di lontana parte,
Dove era lo tuo cor per mio volere;

E recolo a servir novo piacere:
Allora presi di lui si gran parte,
Ch' egli disparve, e non m' accorsi come.

Nota K, pag. 79.

Na linha última se disse por engano
Florisando em vez de *Esplandian*.
Deste e não daquelle é o *Lisuarte de*
Grecia verdadeira continuação.

Com o titulo de *Libro septimo de Amadis*, etc. foi deste *Lisuarte* publicada uma edição em Lisboa, »em casa de Affonso Lopes«, acabada em fim de outubro de 1587, em duas columnas, e in folio.

Nota L, pag. 84.

Não é verdade, como assegurou certo compilador, que Bernardo Tasso, pai do autor da *Jerusalem Libertada*, fosse o traductor para o italiano do *Amadiz de Gaula*. O que fez Bernardo Tasso foi compor acerca do assumpto um poema original, em oitava rima, da mesma fórma que acerca de *Orlando* composeram os seus Boiardo e Ariosto.

O *Amadigi di Gaula* do pai do Tasso abrange, em cem cantos, o as-

sumpto dos quatro primeiros livros da novella de cavallarias, terminando no casamento de Amadiz com Oriana; havendo separado para um poema á parte tudo quanto respeitava a *Floridante*. O assumpto do primeiro livro é tratado nos primeiros trinta e um cantos. O poema começa do seguinte modo:

„L' eccelse imprese, e gli amorosi affanni
Del Prencipe Amadigi e d' Oriana,
.
Cantar vorrei con si sonoro stile
Che l' udisse Ebro, Idaspe e Battro e Tile.“

Houve tambem uma poetisa italiana *) que empreendeu acerca do Amadiz outro poema em oitava rima, do qual os primeiros oito cantos mss. passaram á *Laurenziana* de Florença.

*) Camilla Bella.

Em francez, antes da compilação em prosa de Tressan, aperecêra, em 1629 (em Paris), outra feita por Pierre Marcassus.

Nota M, pag. 84.

Os primeiros quatro livros do Amadiz em italiano tiveram nada menos que oito edições desde 1546 e 1589. A deste último anno foi feita em Veneza por Giacomo Cornetti, e não por Franceschini, como se deduziria do que diz Melzi, pag. 329 (da 2^a edição). As outras seis foram de 1552, 1557, 1559, 1576, 1581 e 1584.

Nota N, pag. 84.

No rosto do primeiro dos seis tomos do *Sferamundi*, cujo principio é ainda

continuação do *Silves da Selva* se diz haver sido traduzido do hespanhol pelo infatigavel Mambrino Roseo da Fabriano; mas semelhante circumstancia deixa de ser especificada nos cinco immediatos volumes, em que o mesmo Mambrino parece inculcar-se como redactor em vista *dagli antichi annali de gli Imperatori di Constantinopla*, ficção esta de que então se serviam geralmente os autores de taes livros. Do principio da chamada Primeira Parte do *Sferamundi* se vê ser como é uma continuação do volume anterior, quando começa assim: »*Tosto che la nave del maraviglioso Serpente de i maghi si mise in alto mare*«, etc. — Na parte immediata se trata da Duquesa *Drocina*, dos magos *Alchifo* e *Urganda* e de *Don Lucendos*. Na 3^a falla-se em uma

infante *Sestiliana* e um príncipe *D. Arlange Astropolo*. A 4^a é continuação da anterior. Na 5^a conta-se o roubo de *Sestiliana* e o que passou a *Anasimeno*, etc. E finalmente a última parte principia deixando *Dorigello* a ilha *Felice* e procurando a gran *Selvagia*, com os *Centauros*.

Damos aqui estas simples indicações para os que desejem averiguar se as paginas do *Sferamundi* serão originaes ou imitação.

Nota O, pag. 91.

Conhecida é, pela descripção dos bibliographos a edição de 1566 feita em Lisboa, »em casa de Manuel João«, do »*Libro del invencible cauallero Primaleon hijo de Palmerin de Oliva*,

donde se tractan los sus altos hechos en armas y los de Polendos su hermano, y los de don Duardos Principe de Inglaterra, y de otros preciados caualleros de la corte del Emperador Palmerin«. — Sabe-se que consta de 242 folios numeradas em romano, a duas columnas e lettra gothica. Devemos só acrescentar que os titulos dos capitulos estão em redondo, sendo a primeira linha em typo mais grado, e que cada columna compacta tem cincoenta linhas. Passaremos pois á edição de 1598, igualmente de folio, e com o texto identico em tudo a essa de 1566.

E' em typo redondo, e com 226 folhas numeradas em arabico. Paginas de duas columnas de 47 linhas as compactas. A numeração dos capitulos seguida até o 298º, como na de 1566;

e sem a separação das tres partes feita por Delicado na edição de 1533, e seguida nas traducções *). Os capitulos são tambem pequenos, entrando dois ou tres em um dos da mesma edição de Veneza, que foi seguida pelo traductor italiano. E' diversa tambem da mesma edição de Veneza em certas trocas de palavras, alias de pouca importancia.

No folio 226 verso, traz as seis conhecidas coplas de arte mayor, em uma das quaes se diz ser o livro *lavrado* por mão feminil de *Augustobriga*, e logo depois remata do seguinte modo:

*) E' este editor, incançavel moralizador das vantagens das leituras dos livros de cavallarias, o proprio que assim o confessa no prologo da 3ª parte: «Yo con mi alma de cantaro riendo me de los que de mi burlaron parti el libro en tres partes y pusele el sobrenombre que el tenia: dixе libro primero, y segundo e tercero de Primaleon».

Aqvi haze fin el libro de Palmerin

Emperador de Constantinopla. El qual trata de los altos & muy estremados hechos en armas que hizo su hijo Primaleon: & de las estrañas aventuras q̄ a su honra & con mucha gloria acabó. E assi mismo trata de los grandes hechos que en armas hizieron: & de los caualleros Polendos hijo del Emperador Palmerin y de Don Duardos Principe de Inglaterra: historia es muy dulce & aplazible: traduzida de lo griego en nuestra lengua castellana.

Impresso Em Lisboa. A custa de Simão Lopez Mercador de liuros.

Creemos ser uma traducção deste livro a que se deve ter publicado em inglez em 1589 com o titulo de *Pal-mendos* (Polendos?) »*sonne to Palmerin d' Oliva*«.

Não temos podido até agora encontrar nenhum exemplar do *Florisel de Niquéa*, que se diz impresso em Lisboa em 1597; mas inclinamo-nos a acreditar na existencia dessa edição (prova-velmente em castelhano); até pela cir-cumstancia de haver tido essa novella como a do *Primaleon*, uma edição em Lisboa, em 1566; sendo a do *Florisel* deste anno, pelo menos com as tres primeiras partes, por Marcos Borges, de folio e em duas columnas. Da ter-ceira parte (Rogel de Grecia) se pub-licou em Evora outra edição, pelos herdeiros de André de Burgos, sem

designação de anno, igualmente em folio e duas columnas, III — 285 folhas.

Nota *P*, pag. 92.

Que o *Flortir* é original d' Hespanha se confirma tambem pela declaração feita no privilegio concedido pela República de Veneza, tanto no primeiro volume, como depois no segundo, de haverem sido traduzidos *dallo spagnuolo*.

A publicação do *Flortir* em castelhano deve ter tido logar no intervallo dos 21 annos que decorreram desde que foi impresso em Valladolid o *Platir* (1533) até que saiu á luz (1554) a 1^a edição italiana do mesmo *Flortir*, que teve mais cinco edições successivas em 1562, 1565, 1573, 1581 e 1608.

Ha que advertir que do Primaleão foi

publicada em italiano em 1560 pelo inexgotavel e impávido Da Fabriano, digno rival de Feliciano de Silva, uma 4^a parte, a qual se annexou ás outras tres, levando o titulo de *»La quarta parte del libro di Primaleone. Novamente ritrovata e aggiunta, tratta da gli antichi Annali de gli Imperatori di Grecia nella lingua Italiana per M. Mambrino Roseo da Fabriano«*. — Possuimos, della (como das outras tres partes) a edição de Veneza, por Giov. Battista Bonfadino (não Bonfadio, como se lê em Brunet) de 1597. Começa no 1^o capitolo com explicações, que bem se definem no seu titulo, que é o seguinte: *»Come, e donde nacque l' errore, perche il fine del libro terzo di Primaleone non va ad affrontarsi con il libro di Platire per mancamento di alcuni fogli*

lasciati à dietro dal traduttore, e l'errore di alcuni nomi equivocati». — As primeiras outras edições (cinco pelo menos) foram publicadas em 1548, 1556, 1559 (com a 4ª Parte em 1560), 1573 e 1584*).

Damos estas notas bibliographicas, porque por ellas se comprova a grande invasão que fizera pelo mundo a leitura dos livros de cavallarias, lendo-se tanto em Italia as traducções delles; ao passo que ficavam sem reimpressões outras novellas originaes mediocres, em todo caso recommendaveis pela linguagem. Neste número podemos citar a pezadissima *Philena* de Nicolo Franco, no genero da *Fiametta* de Bocacio, impressa em Mantua, por Jacomo Ruffinelli, em 1547; segundo se vê da data

*) Ferrario, IV, pag. 258.

da dedicatória repetida na declaração feita no fim da fol. 470; folha que, no exemplar que possuímos é seguida de outra em branco, e de mais outra, branca no recto, mas em cujo verso vem de novo o retrato do autor (já estampado no frontispicio entre as letras N. F), com o moto: »*Te lupe te muti et genuinum fregit in illis*«.

Nota Q, pag. 100.

Graças ao haver tido por traductores a Bocage e a Luiz Caetano, o *Gil Braç* é uma das novellas melhor traduzidas na lingua portugueza. Possuímos-o na 3ª edição, publicada em Londres em 1808, em quatro nitidos volumes, pelo P. Felipe Fernandez. O *Telemaco*, especie de novella de *cavalheiros* an-

dantes *a pé*, em cuja traducção trabalharam o capitão Manuel de Souza, Filinto e por fim Jose da Fonceca, ainda está afrancesado, nos livros em que Filinto não teve parte, os quaes logo pela linguagem se reconhecem. Oxalá que algum dos juizes competentes, d'entre os que hoje cultivam com tanto proveito as lettras portuguezas, dando-se á leitura dos livros de litteratura amena, modernamente vertidos ao portuguez, fizesse, á lingua e ao público, o grande serviço de joeiral-os; recommendando unicamente aquelles que verdadeiramente *estão em portuguez*.

Nota R, pag. 122.

Do livro *Question de Amor* possuímos uma edição feita em Lisboa em

1540, que não encontramos mencionada pelos bibliographos. Foi della impressor Luiz Rodrigues, que no anno seguinte (1541) ahi reimprimiu tambem a *Fiametta* de Bocacio em castelhano.

Sabe-se que o assumpto do livro *Question de Amor*, em prosa e verso, se reduz a uma disputa entre dois amantes, para apurar qual soffria mais se o que servia sem esperanza de galardão, se outro que perdera a sua amada. Segundo consta da propria novella, foi ella uma realidade. Ao principio são os nomes indicados por diferentes palavras com inicial identica á dos nomes verdadeiros; porém, antes de acabar o livro, o autor descobre todos esses nomes, escrevendo-os com todas as letras.

A mencionada edição da *Question*

de Amor é de 4^o: letra gothica: 64 folhas não numeradas, das quaes a última em branco. No frontispicio, de baixo de varias figuras, gravadas em madeira, se lê

**Fibro llamado quistion (sic)
de amor.**

A última pagina, na folha 63*), conclue deste modo:

**Fenesce el libro llamado que-
stion de amor. Impresso en Lisboa en casa de Luys Ro-
driguez librero d'l rey nuestro señor. Acabo se el pri-
mer dia de Diciembre. Anno de M.D.XL.**

Possuimos deste livro outra bonita edição anterior, não citada pelos bibliographos: é de Veneza, em 1533, por Juan Batista Pedrezano.

*) No verso desta pagina 63 ha um grypho, com duas tarjas, em uma das quaes se lê:

**SALVS VITAE e na outra LVDVICVS
RODRICI**

Nota S, pag. 124.

As duas lettras *Or*, que se encontram ás vezes antes do nome *Fileno* ou *Phileno* não poderiam interpretar-se por *O Rei*?

Nota T, pag. 126.

Convidamos o leitor a lêr, depois das conjecturas que apresentamos neste §. e da historia que incluímos no §. XII, o monologo da *Menina e Moça*, que, á maneira do autor, designamos como *donzella*, para a distinguir da outra dama que depois aparece, e se lembra do filho que perdêra. O effeito de tal leitura em nós foi encontrar explicação para muitas frases vagas e mysteriosas; taes como a de dizer que em »longes terras« vivera tanto tempo

»quanto fora necessario para *não poder viver* em outra parte«; e vira depois »tantas cousas trocadas per outras, e o prazer feito magoa maior, que a *tanta paixão viera* que mais lhe pesava do bem que tivera do que do mal que tinha«, que escolhera »para seu contentamento (se entre tristezas e saudades ha algum), ir-se a viver áquelle monte, onde o logar e mingoa da conversação da gente fosse, como pera seu cuidado cumpria: porque grande erro fora depois de tantos nojos, aventurar-se ainda esperar do mundo o descanso que elle nunca deu a ninguem, estando ahi só tão longe de toda a outra gente e de si ainda mais longe« etc.

A descripção do logar, do qual via »serras de um cabo, que se não mu-

dam nunca, e do outro aguas do mar», pode bem considerar-se de invenção, quer para fazer mais poetico o mesmo logar, quer por encubrir um tanto a verdade. Em todo caso, tão pouco se pode applicar a Cintra, onde não ha, nenhum rio de curso perenne, cujo mumurio se ouça na serra, conforme diz o livro.

Seguem varias revelações feitas pela *Menina e Moça*, de como tivera naquelle ermo, onde *estava havia dous annos*, um amigo, que lhe haviam arrebatado sem ella saber para onde.

Se se trata da rainha D. Joana, deveria isto escrever-se em 1509 (dois annos depois de enclausurada) e quem sabe se ja na fortaleza da Mina. . . . Nesta, sim, se veem de um lado altas montanhas, e do outro só ondas do

mar; e tambem um rio de agua corrente lambe as muralhas da fortaleza.

Nota *U*, pag. 129.

Depois de impressa a 9^a folha, a que corresponde essa página, recebemos de Lisboa um exemplar da edição do *Crisfal*, que acaba de publicar no Porto o Snr. Theophilo Braga.

No judicioso estudo do proprio teor das poesias, que precede a edição, diz o Snr. Braga que provará, em um trabalho especial, como Bernardim Ribeiro morreu, depois de meiado o seculo XVI, »sendo mestre da capella da cathedral de Toledo«. Andaria por ventura *pastoreando* nas immedições de Tordesillas, e reunindo-se aos *Comuneros* em 1520, encontraria apoio

em alguns destes, para depois o agasalharem em Toledo?

Em todo caso, o facto de andar o poeta por Castella, dará argumento mais em favor de ser a rainha D. Joana, e não a duqueza de Saboya, o objecto de seus amores.

Esperemos as provas promettidas. Se por ellas a identidade da pessoa não poder ser posta em dúvida, haverá que reconhecer que o poeta, já não moço em 1516, chegou a falecer quasi octogenario. Mas se a morte teve logar depois de 1554, a propria edição de Ferrara não se poderá chamar posthuma.

Nota V, pag. 135.

De mais um livro portuguez de cavallarias dá razão Nicoláo Antonio, de

que nenhuma outra notícia temos podido colhêr. Referimo-nos ao *Clarindo de Grecia* por Tristão Gomes de Castro, natural da ilha da Madeira. Outrotanto dizemos do *Penalva*, a cujas mãos morrera o *Amadiç*, e a cujo cyclo devêra pertencer.

O seguinte periodo deixou de sair impresso no fim da nota E.

A popularidade em Portugal do Carlos Magno se confirma no chamar-se *Brutamonte* a qualquer homem forçado e grosseiro; e a do Marquez de Mantua no nome de *Valdevinos* que se dá a todo o que se encontra desesperado e sem recursos.

Nota X, pag. 148.

Desde 1841 até 1846, mantive mui boa convivencia com o illustre cantor

de Camões, sem haver esperado, para estimal-o e aprecial-o, que a lousa sepulchral viesse a pezar sobre o seu corpo. Essa boa convivencia e amisade seguiu ainda' até os ultimos dias da vida do poeta, por meio de uma correspondencia (que conservo) bastante regular, para um frouxo correspondente como era o illustre poeta. Em obsequio áquellas havia eu conseguido persuadir ao Conde de Lückner, então Encarregado da Dinamarca em Lisboa, que traduzisse em allemão, e fizesse publicar, o *Fr. Luiz de Souza*; o que elle fez, conferindo comigo a traducção, e pedindo - me que escrevesse, para prologo della, um artigo acerca do mesmo Garrett, que escrevi, e que na mesma traducção anda com o meu nome. Foi igualmente por indicação

minha que o meu illustre amigo o Cav. Vegezzi-Ruscalla, ja mui conhecido entre nós pela sua traducção da *Marilia de Dirceu*, passou igualmente ao italiano o *Fr. Luiz de Souza*; resolvendo benevolamente associar, a esta última traducção, o meu nome; — nada menos que por meio de uma para mim mui honrosa dedicatoria impressa, que precede a mesma traducção publicada em 1852 *).

Dessa tal qual influencia que me coube em sorte ter para estas traducções nunca disse eu ao benemerito A. de Fr. Luiz de Souza uma só palavra; mas do da traducção alleman soube-o elle, e m' o lembrava ainda

*) *Fra Luigi di Sousa*, dramma di G. B. Almeida-Garrett. Torino, Tip. Speirani e Tone, 84 pag.

quando em carta de 17 de Fevereiro (dia dos meus annos) de 1851, me dizia: »Não fará com que o ponha ahi em castelhano (o Fr. Luiz) algum desses nossos visinhos? Eu estimava. Digo sobre isto: o meu amigo que tanto contribuiu para que Fr. Luiz se fizesse tedesco é que devia fazer nacionalisalo tambem na lingua e na terra de Calderon«.

Devo acrescentar que o mencionado Conde de Lückner convivia então (1846) muito comigo e com Garrett, a ponto que em S. Carlos tinhamos de assignatura na superior os assentos juntos; por signal que muitas vezes, em noites bellas de luar, saíamos dali a passear e conversar eu e Garrett durante uma e duas horas, no largo das Chagas, não longe das casas onde moravamos,

eu nessa mesma rua, e elle na do Alecrim.

Mais uma noticia curiosa a respeito do *Fr. Luiz de Souza* insirirei aqui, pois é por si outro drama; e talvez não venha a ter para a publicar melhor occasião. O dito Conde de Lückner era protestante, de uma comunhão que permite novo casamento passado o divorcio. Depois de ser pai uma vez, divorciára-se delle a mulher, rica filha de um Eleitor de Hesse-Cassel, quando ainda mui joven, e se casára com outro (um Barão de Watzdorf), de quem tivera tres filhos, e de quem acabava de enviduar, quando em 1847, no theatro de Dresda, onde ella vivia, se representou a traducção do *Fr. Luiz*, a que foi assistir. A analogia das situações produziu a reconciliação; e o

Conde de Lückner casou 2^a vez *com a sua propria mulher*, e feliz em companhia desta e do tenro fructo da 3^a lua de mel da mesma esposa (retrato ao vivo da rainha D. Maria 2^a) vivia em uma quinta acastellada a uma legua de Dresda, quando no verão de 1853 fui ahi fazer-lhes uma visita. Devo acrescentar que o facto deste *recasamento* do meu agradavel amigo Lückner fez bulha, e chegou até a ser assumpto de artiguinhos nos jornaes francezes.

Outra carta de Garrett encontro agora á mão, junta com a que acima transcrevi. Foi resposta á minha, que lhe levára um portador amigo de ambos (o mallogrado D. F. de Meneses), depois de alguma interrupção em nossa

correspondencia. E' de 3 de Junho de 1850; e transcrevel-a-hei, porque ainda nella se lembra da nossa convivencia com o seu traductor Lückner:

»Meu bom amigo. Chegou-me a sua cartinha pelas mãos do nosso D. Francisco, e me deu por dobrados motivos muito prazer. Creio na sua viva lembrança, porque a avalio pelas muitas saudades que sempre tenho conservado de nosso tratto e convivencia«.

»Eu aqui vegeto, o nem estudo, nem me embriago com proesas (?). — Sigo o *rum rum* de nossa pacifica e monotonica existencia lisbonense. Tive novas suas muitas vezes neste longo intervallo. F. F.*) me contaram muito de sua vida; e Dal Borgo e todos os que

*) São nomes de senhoras que por discreção omitimos.

dahi vem; porque a todos pergunto de suas coisas«....

....»Que sabe do nosso Lückner? Eu ha muito que delle não oiço.

»A última escrevinhadura minha que se imprimiu foram essa comedia e essa necrologia que lhe mando.

»A deus, viva feliz, e venha fazer-nos uma visita, assim que possa. E creia sempre na verdadeira amisade do seu am^o do C.

J. B. d' Alm. Garrett *).

Talvez dia virá em que verão a luz todas essas cartas, bem como outras mais de correspondencia litteraria, incluindo pelo menos oitenta e tres (desde 1838 a 1844) do Cardeal Saraiva ou

*) Em outras cartas assigna só *João Baptista*

Bispo-Conde San Luiz *). Assim Deus nos dê para isso vida; pois antes cumpre attender a concluir algumas outras publicações que mais dependem de nossa presença.

*) Várias destas cartas são extensas; e contém juizos de livros que eu lhe emprestava, e me restituía. Todas essas cartas, bem como as de Garrett e outras, acham-se manchadas de barro vermelho, por se haverem nada menos que *ensopado* em uma inundaçào que teve lugar, em 1859, no hotel da R. dos Inválidos no Rio de Janeiro, onde eu as deixára vindo á Europa.

FIM.

ERRATA.

- Pag. 20 lin. 2a da nota**) - onde diz „Caviani“ lêa „Ceriani“.
- „ 21 lin. penult. e últ. - onde diz „cap. 5 . . cap. 116“ . . .
lea : „fol. 65 a fol. 116.“ Veja-se G. Ferrario II, 322.
- „ 79 lin. últ. onde diz „Florizando“ lêa „Esplandian“.
- „ 114 lin. 9 onde diz „exceptando“ lêa „exceptuando“
- „ 160 lin. 7 onde diz „portuguer“ lêa „portuguez“.



INDICE.

	Paginas
Carta-prologo	VII—VIII
§. I. Litteratura dos livros de cavallarias. Sua influencia na civilisação europea. Sua antiguidade. Prioridade entre os dois pri- meiros cyclos	I—4
§. II. Elementos primordiaes das novellas arthurinas. Livro de Monmouth. Lendas d'Arthur, de Merlin e do Santo Greal. Discussão acerca da origem desta e do livro que a desenvolveu como de inspi- ração divina. Romance em verso de Rob. de Boron. Textos portuguezes acerca da historia daquella reliquia	5—15
§. III. Historia de Merlin, Tavola Redonda. Principaes novellas do cyclo. Recopilação dellas. Traducção portugueza. Codice existente em Vienna. Outros livros deste cyclo. Segunda Tavola Redonda. . . .	16—30
§. IV. Cyclo Carlovingio. Origem do livro dos Doze Pares. Os Nove da Fama. Mar-	

	Paginas
quez de Mantua. Camões. Traducção portugueza. Primeira, segunda e terceira parte do Carlos Magno. Popularidade em Portugal. Porque ficariam banidas outras novellas. D. Quixote	31—46
§. V. Novo cyclo. De Familias ou typos prolificos, Tronco dos Amadizes. Quem foi o seu autor e em que tempo foi escripto. Provas e contraprovas. Os dois sonetos. Azurára	47—72
§. VI. Progenie dos Amadizes. Refundição de Montalbo. Feliciano de Silva e outros continuadores	73—82
§. VII. Traducções dos Amadizes e outras. Em francez. Em italiano. Em allemão. Em inglez e hollandez	83—87
§. VIII. Continua o 3º cyclo. Novas familias. Clarians. Palmeirins: d'Oliva: d'Inglaterra. Odorico Mendes. Os Martyres de Filinto. Successores do Palmeirim d'Inglaterra	88—108
§. IX. Quarto cyclo (Avulsas). Tirante o Branco. Livro de Bernardim Ribeiro. Sua analyse. Historia de Lamentor e Bimnarder. Sua originalidade. Irregulari-	

- dades manifestas. Monologo da Menina e Moça, e Dialogo com outra dama. Paixão amorosa do poeta. Não pode ter sido pela infanta D. Beatriz. Anãgrammas decifrados. Que revelam. Rainha D. Joana. Victima das ambições successivas do marido, do pai e do filho e seus validos. Crisfal. Clarimundo de João de Barros 109—135
- §. X. Continuação do último Cyclo. A Diana de Montemayor. Como participa de livro de cavallarias. Nacionalidade e patriotismo de seu autor. Quanto deixou escripto em lingua portugueza. Traduções da Diana em francez, inglez, allemão e hollandez 136—174
- §. XI. Appendice Primeiro. Algumas palavras acerca da Historia de Isea, impressa em portuguez, e porque não cremos que fosse livro de cavallarias. Descreve-se a edição castelhana de Reinoso
163—174
- §. XII. Segundo Appendice. Paginas de historia. De como a rainha D. Joana foi victima da ambição de outros 175—196

Notas.

	Paginas
A. Historia de Vespasiano	197
B. Educação pelos livros de cavallarias...	203
C. Tablante	205
D. Edições dos Lusíadas	206
E. Mais sobre Carlos Magno etc.	207 e 237
F. Mais novellas.....	211
G. Imitação do Amadiz por Moraes.....	212
H. Expressões do filho de Ferreira	212
I. Introducção dos sonetos	215
K. Edição lisbonense do Lisuarte.....	216
L. Amadiz do Tasso, pai.....	216
M. Edições do Amadiz em italiano.. . . .	218
N. Sferamundi.....	218
O. Edições lisbonenses do Primaleon.....	220
P. Flortir e 4ª Parte do Primaleon.....	225
Q. Gil Braz, Telemaco, etc.	228
R. Question de amor	229
S. Orphileo	232
T. Menina e Moça	232
U. Nova edição de Crisfal e morte de B. Ribeiro	235
V. Clarindo de Grecia e Penalva	237
X. Traducções do Fr. Luiz de Garrett, Cartas, etc.....	237



4325

L7-C62